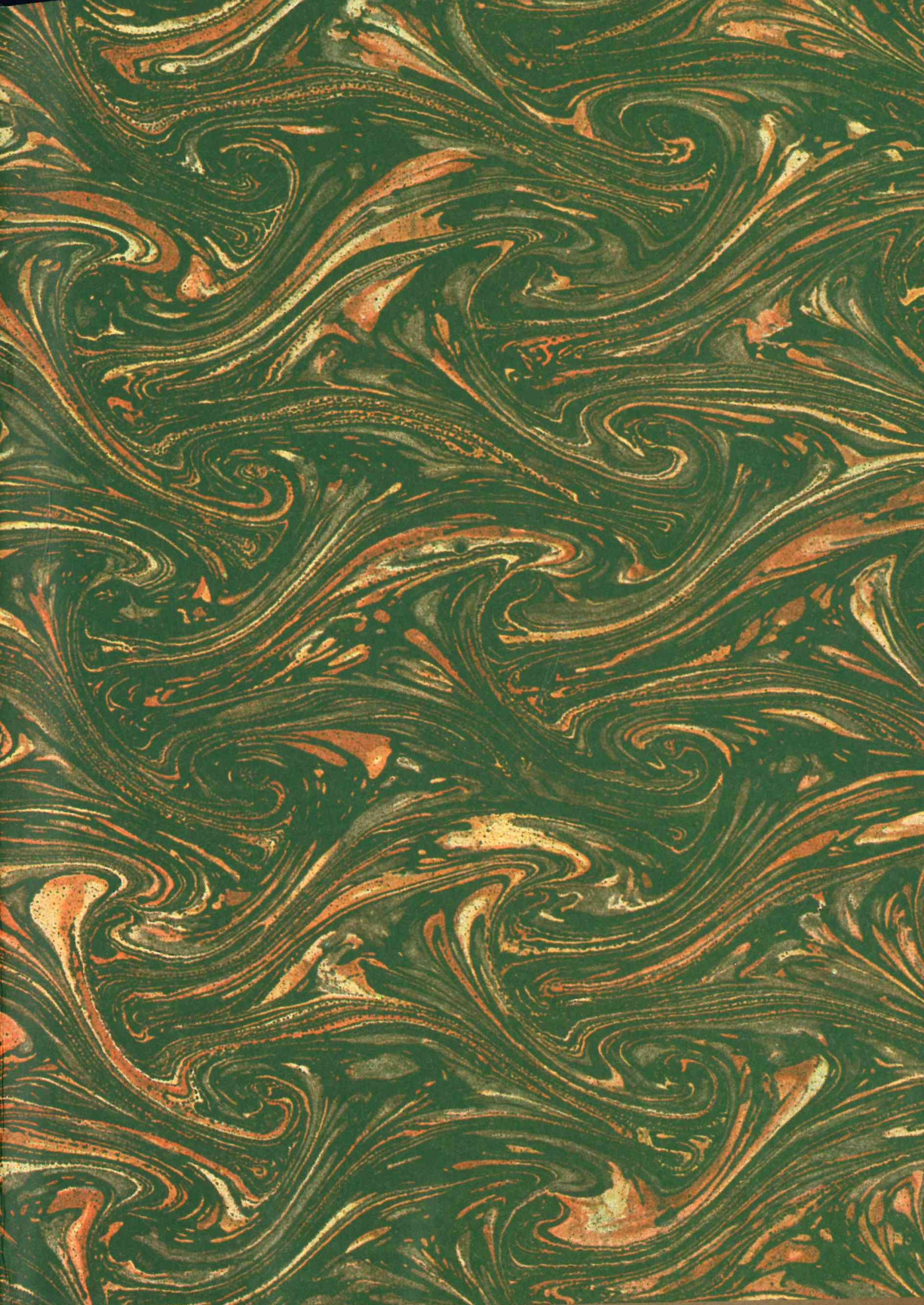




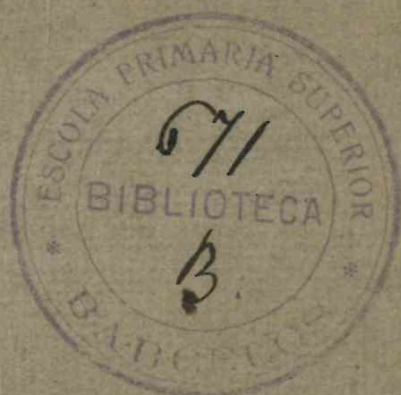
075)





DOMINGOS DE FIGUEIREDO
ADVOGADO

GEOGRAFIA SOCIAL



== BARCELOS — 1923 ==
===== TIPOGRAFIA =====
CENTRO DE NOVIDADES

GEOGRAFIA SOCIAL

À Biblioteca da Escola
Primária Superior "Donat Martins
Leiria" af.

O autor,
— seu actual Director.

Barcelos, 20-Agosto-1923.

GEORGE F. SOCIAL

DOMINGOS DE FIGUEIREDO
ADVOGADO

GEOGRAFIA SOCIAL



R.S. 1/2/13

*Barcelone
Perm.*



== BARCELOS — 1923 ==
===== TIPOGRAFIA =====
CENTRO DE NOVIDADES

A MINHA FILHA

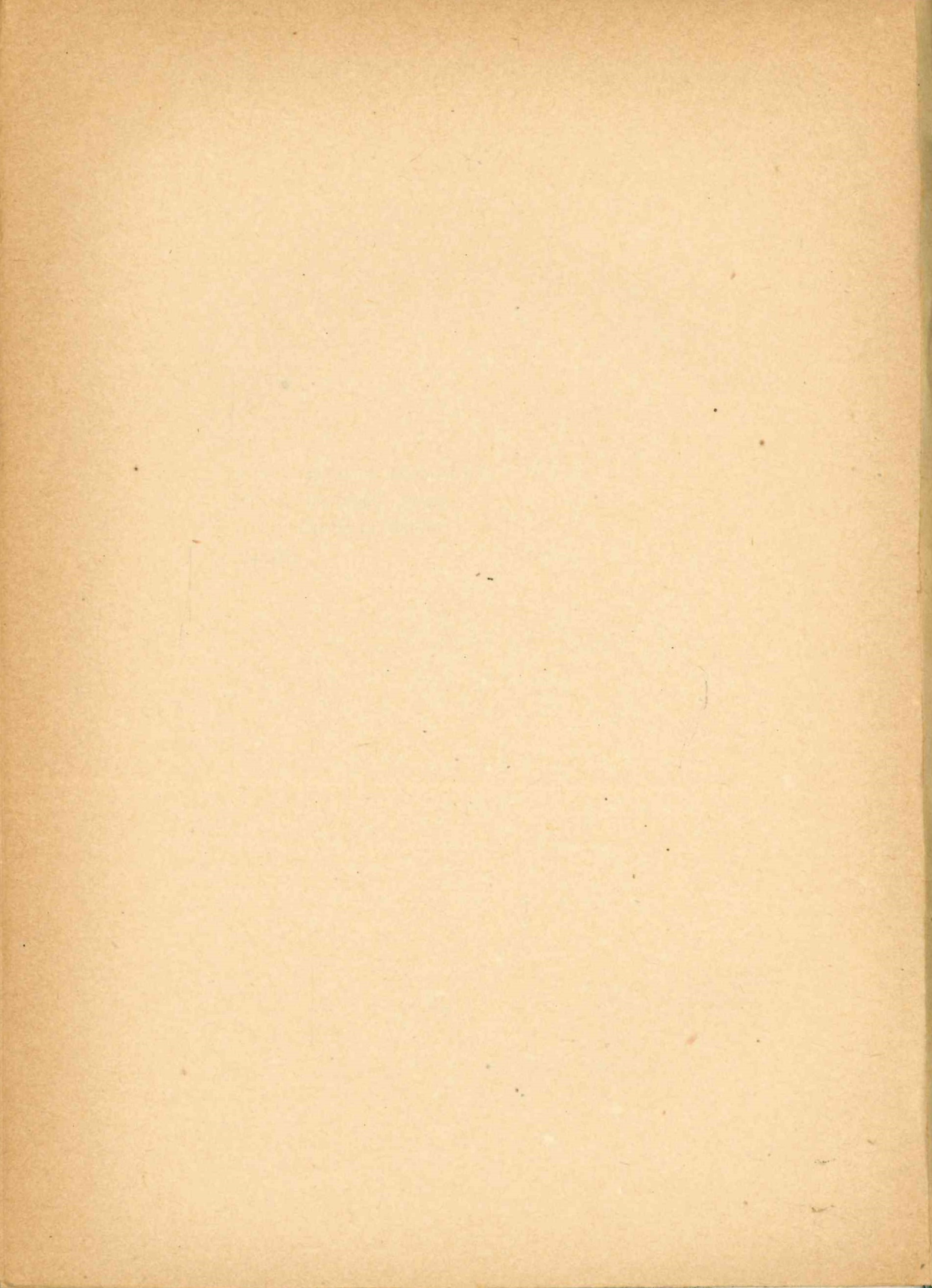
MARIA CONSTANÇA

Q. M. L. L. L. L. L.

MARIA CONSTANCE

« Le bonheur de la vie, c'est le
travail, librement accepté
comme un devoir. »

RENAN



INTRODUÇÃO

SUMÁRIO:

1 — AS SOCIEDADES HUMANAS

1 — As sociedades humanas

A *geografia social*, *geografia humana* ou *antropogeografia*, que nos ensina as relações do homem com a terra, compreende todos os factos geográficos em que se manifesta a actividade do homem, quer sob o ponto de vista *político* quer *económico*.

O homem⁽¹⁾ não vive isolado e até pelo contrário é naturalmente sociável agrupando-se e consti-

(1) O problema da — *Origem animal do homem* — ainda hoje serve de tema a bem interessantes discussões, todas elas procurando dar-lhe uma solução definitiva.

Porque este assunto, pelo seu lado científico nos interessa, aqui arquivamos algumas opiniões que reputamos dignas de serem lidas pelos estudiosos.

Escreve o douto Prof. MENDES CORREIA: «Tem-se proclamado, que o transformismo está em crise, e no entanto ninguém, dentro da ciência, reedita, com séria base, a crença de que o Homem teria resultado dum acto divino de criação, independente em relação à dos seres vivos.»

A. A. MENDES CORREIA, *Homo*, pag. 9.

Sobre o mesmo assunto diz o ilustre geógrafo LESPAGNOL: «Si l'on admet, avec Lamarck e Darwin, la théorie de l'évolution, à savoir que les espèces organiques issues d'une forme primordiale sont soumises à des transformations successives, qu'elles subissent des variations, ainsi que nous l'avons vu dans l'étude de l'évolution de la faune et de de la flore aux temps géologiques, si l'on admet, dis-je, cette théorie, l'homme actuel, qui dépend des mêmes lois que les autres organismes, doit avoir pour ancêtre une forme ani-

tuindo a *família*, que é por certo o melhor fundamento das colectividades.

Juntando-se as famílias, assim se foram formando as sociedades, ainda rudimentares, como a *tribu*, o *clan*, etc.

Depois êstes agregados entráram de se aperfeiçoar e desenvolver mais e mais, até que chegamos ao estado actual de civilização que nos mostram as sociedades modernas.

A sociedade representa, por isso, para o homem uma condição imprescindível da sua existência e progresso.

Mas as aglomerações humanas não se têm formado arbitrariamente e até, ao contrário, a sua distribuição obedece a certas leis, como sucede com as plantas e os animais.

É que o clima, os relêvos do terreno, os recursos naturais, as vias de comunicação, etc., regulam

male, moins parfaite que lui, mais qui, par des modifications et des progrès successifs, est devenue l'espèce humaine».

«A la question de l'origine de l'homme se rattache celle de l'unité de l'espèce. L'homme forme-t-il une seule espèce?

Comment expliquer les profondes différences qui séparent les divers groupes humains? Comment donner à un nègre nain d'Afrique la même origine qu'à un homme blanc, de belle stature? Sur cette question les savants sont partagés en deux écoles: les *Monogénistes* n'admettent qu'une seule espèce, tous les groupes humains étant sortis d'un type unique; l'homme a peuplé la terre par ses migrations; il s'est transformé dans des milieux nouveaux et différents; le croisement entre les groupes différents ainsi formés a engendré des races nouvelles.

Les *Polygénistes* admettent au contraire plusieurs espèces d'hommes; les diverses espèces humaines ont apparu sur les points mêmes où les montre l'histoire. La question n'est pas résolue aujourd'hui scientifiquement; le monogénisme a le plus grand nombre de partisans.»

G. LESPAGNOL, *Géographie Générale*, pag. 464.

a dispersão das populações que nem sempre apresentam as mesmas características, mostrando até costumes os mais diferentes.

Assim os indivíduos que constituem as sociedades humanas não se *agrupam em todos os pontos do globo no mesmo número*, nem pertencem a uma só *raça*, nem falam idêntica *língua*, nem seguem igual *religião*, nem têm a mesma *forma de estado*, nem abraçam uma única *forma de governo*.

E as regiões da Terra em que o homem se tem fixado, não apresentam todas as mesmas *causas de prosperidade económica*, nem idênticas *produções e riquezas* nem, finalmente, *geografia de circulação* semelhante, isto é, igual desenvolvimento no que diz respeito a vias de comunicação, portos de comércio, telégrafo, telefone, etc.

Por isso, o estado de civilização ⁽¹⁾ das socieda-

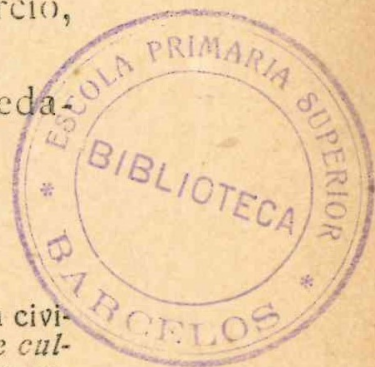
(1) Apresentam os povos que habitam a crusta da Terra civilização diferente, isto é, nem todos possuem o mesmo *grau de cultura* material e intelectual. Observando a população do globo podemos nela distinguir 4 tipos principais de cultura ou civilização.

São êles: 1.º — o *nómada*; 2.º — o *selvagem*; 3.º — o *bárbaro*; 4.º — o *civilizado*.

Os povos *nómadas* não têm habitação fixa, devido às condições do solo, entregando-se á pesca, á caça e pastoreação de rebanhos. Assim são os indígenas da Austrália.

Os *selvagens*, já com posição fixa, ocupam-se na agricultura e na criação de gados, apresentando diminutíssimo trabalho intelectual e artes muito rudimentares, e possuem costumes cruéis e grosseiras superstições. Não têm indústrias nem governo regular e não sabem escrever. Pertencem a êste tipo os negros da Africa.

Os povos, que mostram uma regular organização política, determinadas leis, religião já aperfeiçoada, um certo desenvolvimento intelectual, algumas indústrias, agricultura mais cuidada e que sabem escrever, dizem-se — *bárbaros*. Estão neste caso quasi



des humanas ainda hoje não é o mesmo em todas as regiões do globo, o que nos é ensinado pelo estudo da geografia *Politica e Económica*.

todas as populações da Asia, que geralmente não têm instituições livres nem respeitam ainda os princípios do Direito.

Civilizados, são os povos que possuem uma boa organização política e social e já atingiram grande desenvolvimento sob o ponto de visto moral, intelectual, literário, scientifico, artístico, agrícola, industrial, comercial, etc. Os *povos civilizados*, são quasi todos os que habitam a Europa e a América.

CAPÍTULO I

GEOGRAFIA POLÍTICA

SUMÁRIO:

- 2 — A DEMOGRAFIA
- 3 — A ETNOGRAFIA
- 4 — AS LÍNGUAS
- 5 — AS RELIGIÕES
- 6 — AS FORMAS DE ESTADO
- 7 — AS FORMAS DE GOVERNO

A *Geografia Política* é a parte da antropogeografia que, observando os agrupamentos humanos, se ocupa da *demografia*, das *raças*, das *línguas*, das *religiões*, das *formas de estado* e das *formas de governo*, do globo.

Estudaremos, por isso, cada um destes assuntos pela forma acima indicada.

2 — A demografia

A *demografia* é o ramo da *geografia politica* que nos ensina como os povos se encontram distribuídos à superfície da Terra.

A *população do globo* está desigualmente disseminada pela crusta terrestre, o que se deve, principalmente, às circunstâncias geográficas, isto é, a vários factores como sejam, entre outros, as condições de vida que o solo oferece, o relevo, o clima, etc.

Assim as aglomerações humanas, que hoje tanto convergem para os grandes centros urbanos vi-

vem, de preferência, aonde encontram — *calor suportável e água em abundância*. O homem procura estabelecer-se naquelas regiões que possuem melhores condições de vida e, por isso, o vemos nas planícies, junto dos vales, no litoral, na parte convexa dos meandros dos rios, em volta dos lagos e, quasi sempre, perto das vias de comunicação terrestre, fluviais, marítimas e, hoje, até aéreas, que se tornem de fácil utilização.

A população de uma região é formada pelos habitantes que nela residem com *carácter de permanência*. E' *absoluta* se considerarmos a totalidade dos habitantes; se apenas queremos saber o número dêles por quilómetro quadrado, então a população diz-se *relativa* ou *específica*. Também se denomina — *densidade de população*.

A actual população do globo é aproximadamente de *1:700 milhões de habitantes*, cuja distribuição indicamos no seguinte:

QUADRO DEMOGRÁFICO

População absoluta		Densidade	Superfície em Kmq.
Da TERRA	1:700 milhões	12,5	146 milhões
Da Europa.	430 »	43,5	10 »
Da Asia	950 »	20	46 »
Da Africa	150 »	5	30 »
Da América	162 »	4,5	39 »
Da América do Norte .	115 »	3,5	21,5 »
Da América do Sul .	47 »	2,5	17,5 »
Da Oceânia	8 »	0,9	9 »

Eis o que se nos afigura digno de registo, relativamente ao modo como encontramos distribuída a população do globo.

3 — A etnografia

A ciência que descreve as raças humanas e as suas variedades diz-se — *etnografia*.⁽¹⁾

Os homens distinguem-se uns dos outros por um certo número de características como sejam a estatura, a conformação do crânio e da cabeça, a forma da face e do nariz, a cor dos cabelos e dos olhos e, em especial, a *coloração da pele*. São estes os chamados caracteres *somatológicos* ou *somáticos*.

A classificação das raças humanas, com carácter rigorosamente científico, não foi ainda apresentada até hoje.

Entre os vários etnógrafos que têm classificado as raças citaremos: *Bernier*,⁽²⁾ *Prochaska*, *Lineu*, *Lacépède*, *G. Saint-Hilaire*, *Buffon*, *Cuvier*, *J. J. Virey*, *Bory de Saint-Vincent*, *Desmoulins*, *Hundey*, *Flower*, *Pritchard*, *Topinard*, *Deniker*, *Mueller*, *Haeckel*, *M. de Quatrefages*, *d'Omalius d'Halloy*, etc.

Mas, de todas as classificações das raças humanas⁽³⁾ a mais simples e mais seguida é por certo a que se deve ao naturalista alemão *Blumenbach*. Considera elle 5 tipos:

a — *Raça branca, caucásica, ariana, mediterrânea ou europeia*.

(1) Não deve confundir-se com a *etnologia* — ciência que investiga a origem ou formação das raças humanas, ao mesmo tempo que estuda os seus caracteres *físicos* ou *morfológicos*, também denominados *antropológicos*.

(2) *Bernier* dividia o grupo humano em: brancos, amarelos, negros e lapões.

(3) Sobre este assunto pode lêr-se com vantagem LOUIS FIGUIER na sua desenvolvida obra — *Les races humaines* —, e o Doutor BERNARDO AIRES, no seu livro — *Lições de zoologia*

b — *Raça amarela, mongólica, uralo-altaica ou asiática.*

c — *Raça negra, etiópica ou africana.*

d — *Raça parda, morena, malaia, azeitonada ou oceânica.*

e — *Raça vermelha ou americana.*

A *raça branca* apresenta os seguintes caracteres: tez branca, cabeça oval, olhos grandes, nariz recto e afilado, lábios delgados, dentes verticalmente dispostos, face bem proporcionada, cabelos lisos, abundantes e compridos e barba desenvolvida, de côr negra, castanha ou ruiva. O seu ângulo facial⁽¹⁾ mede 80 a 85 graus e pertence ao tipo *dolicocéfalo ortognata*.

Habita quasi toda a Europa, o W da Asia, o N. da Africa, parte da América, encontrando-se ainda nas colonias europeias.

— que apresenta a seguinte classificação, devida a TOPINARD e modificada por CANESTRINI:

«Populações		Raças
AUSTRALÓIDES		1 — australiana
NEGRÓIDES	lofócomos (cabêlos lanzudos	2 — negrita
	curtos)	3 — pápua
	eriócomos (cabêlos lanzudos	4 — capuana
	compridos)	5 — cafre
MONGOLÓIDES		6 — negra
		7 — malaia
		8 — polinésica
		9 — mongólica
CAUCASÓIDES		10 — ártica
		11 — americana
		12 — núbia
		13 — dravídica
		14 — mediterrânea.»

Dr. BERNARDO AIRES, *Lições de Zoologia*, 4.^a e 5.^a classes dos Liceus, pag. 169.

(1) O *ângulo facial* tem o vértice na extremidade dos dentes incisivos superiores, partindo uma das linhas angulares do ponto mais proeminente da fronte e outra do canal auricular.

E' a que possui uma mais adiantada civilização.

Raça amarela — Caracteriza-se dêste modo: tez amarela, cabeça quási em forma de losango, olhos pequenos, separados e dirigidos obliquamente para fóra, nariz pequeno e achatado, malares bastante salientes, cabêlos pretos, grossos e pouco abundantes e barba rara.

Angulo facial: de 74 a 80 graus. Pertence ao tipo *dolicocéfalo prognata*.

Está espalhada pelo oriente da Asia, pelas extremidades setentrionais da Eurásia e da América, e em parte da Oceânia.

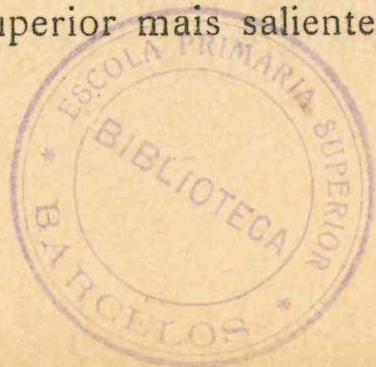
A sua civilização é, geralmente, muito inferior à da raça branca, se bem que alguns dos povos que a constituem se encontrem bastante adiantados.

Raça negra. Tem como principais caracteres: tez preta ou cinzento muito carregado, crânio pequeno e comprimido dos dois lados, com forma mais ou menos elíptica, occipital muito desenvolvido, cabêlos encarapinhados e curtos, barba rara, maxilas projectadas para a frente, nariz muito largo e achatado e lábios grossos e salientes. E' por vezes de estatura alta e vigorosa.

Mede o seu ângulo facial 70 a 77 graus. Tipo — *dolicocéfalo prognata*.

Ocupa a Africa central e meridional e a Oceânia. Possui uma civilização atrasada.

Raça parda. As suas características são: tez bastante mais escura que a dos indivíduos que pertencem às raças branca e amarela, crânio comprimido, bôca rasgada, nariz achatado, olhos pequenos e negros, o lábio superior mais saliente que o



inferior em virtude de ter os dentes oblíquos, malaras proeminentes, cabelo negro e pouca barba.

Angulo facial: de 70 a 75 graus. Pertence ao tipo *braquicéfalo prognata*.

Habita o grande arquipélago da Asia e os grupos insulares da Oceânia.

Mostra uma civilização muito pouco adiantada.

Raça vermelha. Distingue-se pelos caracteres seguintes: tez acobreada, cara larga e de configuração quasi triangular, olhos grandes e fundos, nariz largo e aquilino, barba rara, cabelos pretos, e compridos e lábios grossos e húmidos.

Esta raça, cujo desenvolvimento da parte posterior do crânio é muito acentuado, pertence ao tipo *braquicéfalo prognata*.

O seu ângulo facial mede de 75 a 80 graus.

Encontra-se nas duas Américas e apresenta uma civilização atrasada.

No globo, as 5 raças distribuem-se assim:

Raça branca	. — 790	milhões de habitantes		
Raça amarela	. — 640	»	»	»
Raça negra	. — 200	»	»	»
Raça parda	. — 70	»	»	»
Raça vermelha	— 10	»	»	»

OBSERVAÇÕES — O estudo de *etnografia* ficaria incompleto se não considerássemos, dentro das 5 raças acima definidas, os diferentes ramos, famílias e povos que cada uma daquelas compreende.

Analizemos, pois, este assunto a um tempo tão difícil como cheio de interesse.

Assim a **raça branca** divide-se em 3 ramos: o indo-europeu ou ariano, o semítico e o hamítico ou hamita, sendo os tipos do primeiro de cor mais clara e os dos dois ultimos de cor mais escura.

O ramo *ariano* ou *indo-europeu* compreende 9 famílias: a *LATINA* OU *ROMANA* — *portugueses, franceses, espanhóis, italianos e rumenos. romaicos ou românicos*; a *GERMANICA* OU *TEUTÓNICA* — *alemães, ingleses, escoceses, escandinavos e flamengos*; a *ESLAVA* — *sérvios, russos, búlgaros, croatas, polacos e boémios ou tcheques*; a *GREGA* — *gregos e albaneses*; ⁽¹⁾ a *CÉLTICA* — *povos da França ocidental, país de Gales, Escócia, e alguns da América do Norte e Irlanda*; a *BASCA* — a *W dos Pirenéus*; a *CAUCÁSICA* — *georgianos e mingrelhos*, entre os quais se encontram os mais belos tipos da raça branca; a *IRANIANA* — *persas, afgans, kurdos e armênios*; e a *ARIANA* — onde incluímos os *hindus*.

O ramo *semítico* abrange: — os *arábes* que estão dispersos pelo N. da Africa, Síria, Pérsia e Índia, pela Arábia e por algumas ilhas da Indonésia; os *judeus*, espalhados por todos os cantos do globo, especialmente pela Rumênia e pela Rússia; e os antigos *assírios, fenícios e cartagineses*.

Pela sua côr escura o ramo *hamita*, dá-nos a impressão de pertencer à *raça etiópica* sendo, porém, certo que faz parte da *raça branca*.

No ramo *hamítico* incluímos diferentes povos do N. da Africa como, por exemplo, os *berberes* e os *tuaregs*, que residem a W do Saará; os *beduínos* que vivem nas planícies desérticas do Egito; os *coptas* e os *feláhs*, que descendem dos antigos egípcios; os *abissínios*, actualmente bastante cruzados com os negros; os *somális* e os *galas*, da Africa oriental e os *mouros*.

(1) Alguns autores, entre êles RAPOSO BOTELHO, incluem os *gregos e albaneses* na *família latina*.

Na **raça amarela** consideramos também 3 ramos: o altaico, o urálico ou uraliano e o mongólico propriamente dito.

O ramo altaico compreende os *tongusses* e os *mandchus* — das margens do Amur; os *kalmuks* — pastores do S. Sibéria; os *mongóis*, que no passado conquistaram um grande império; os *tatars*, da bacia do Volga; os *turcos*, que encontramos no W da Asia e na península balcânica; os *kirghizes* que, filiando-se nos anteriores, vivem pelas estepes setentrionais do Turquestan; e ainda os *turcomanos*, do oriente do Mar Cáspio, formando tribus que se entregam ao latrocínio.

Ao ramo urálico pertencem os *esquimós*, povo de pequena estatura que habita as terras Articas e parte da América setentrional; os *finenses*, que povoam o oriente do Báltico; os *samoiedas*, das costas do N. da Europa e da Asia; os *lapónios* e os *hungáros* ou *magiares*, que foram residir na Europa central.

No ramo mongólico incluimos os povos seguintes: *chineses*, *siameses*, *anamitas*, *tibetanos*, os *japoneses* e os *coreanos*. Estes dois últimos povos apresentam caracteres físicos diferentes dos que mostram os *chineses*. A civilização europeia tem sido imitada pelos *japoneses*.

Raça negra. — Esta raça forma 2 grandes ramos: o oriental ou oceânico e o ocidental ou africano.

O primeiro que está disseminado pela Malásia e pela Austrália, abrange os *pápuas*, povos de côr não muito escura e cabelos crespos, e que ocupam a Nova Guiné; os *melanésios* de crânio pequeno e comprimido, muito prognatas e altos (1,80) que habitam as ilhas de Salomão, Novas Hébridas, e No-

va Zelândia; os *negritos*, de estatura muito pequena (1,49), de côr bastante escura e lúidia, e que vivem na articulação peninsular de Malaca, nas Filipinas e várias outras ilhas do arquipélago Asiático; e os *indigenas australianos* de cabelos compridos e lisos e com pêlos abundantes por todo o corpo.

No ramo ocidental ou africano em que aparecem tipos de boa estatura e acentuado prognatismo, incluímos os *iolopos* e *mandingas* da Guiné; os *haussá* do ocidente do lago Zad; os *dinkas*, do oriente do Soldão. Aos *cafres* de feições regulares que apresentam por certo o tipo mais apurado da raça negra pertencem: os *zulos* do N. do Natal, os *bechuanos* do N. do Cabo, os *congoleses* da bacia do Zaire, os *macuas* do N. de Moçambique, e quasi todas as tribus *angolenses*. Ainda este ramo abrange os *peuls* de cabelos lisos e côr avermelhada que andam pelas savanas do Soldão; os *akas* de pequena estatura (1,45), do centro da Africa; e os *bochumans* ou *hotentotes*, muito pequenos e de aspecto repelente que se encontram vagueando pelas regiões do sudoeste africano.

Raça parda. Nesta *raça*, em que muitos querem vêr uma mistura das raças branca e amarela, distinguimos: os *malaios* que ocupam a península de Malaca, as ilhas de Sonda, tendo já ido para as Filipinas e ilha Formosa; os *hovas* da ilha de Madagascar, e que descendem dos primeiros, possuem caracteres variadissimos resultantes da mestiçagem com índios, chineses e árabes; os *indonésios* talvez originários da Indo-China, de estatura inferior á dos malaios e de tez mais clara, e que habitam não o litoral mas o interior das ilhas da Indo-

nésia; os *bataks* da ilha de Sumatra; os *alfurus* das ilhas Molucas e Celebes; e os *daiaks* da ilha de Bornéu. Todos estes últimos povos, que muitos autores consideram divisões dos indonésios, possuem costumes verdadeiramente selvagens, chegando até á antropofagia.

Ainda pertencem á raça parda os *polinésios* que povoam os arquipélagos da Oceânia, e que compreendem os *mauris* da Nova Zelândia. Apresentam a tez um tanto acobreada, feições não desagradáveis, cabelos com ondulações e possuem estatura elevada (1^m,74).

São inteligentes e marinheiros habilíssimos.

Raça Vermelha. Esta *raça*, constituída por várias tribus de índios, ainda no estado selvagem, e cujo número se vai a pouco e pouco reduzindo, abrange 2 ramos: o setentrional e o meridional.

Pertencem ao primeiro ramo os *peles vermelhas*, *apaches*, e *iroqueses* do Canadá e Estados Unidos; os *azteques* que, no México, em tempos passados, formaram um florescente império; os *mosquitos* e os *maias*, da América central, sendo aquêles quasi negros e de baixa estatura.

Os povos que se incluem no ramo meridional da *raça vermelha*, aproximam-se bastante da raça amarela.

Abrange este ramo os *incas* ou *quichuas*, do Perú, outrora portadores de uma já acentuada civilização; os *botocudos*, do Brazil, que usam no lábio inferior um cilindro de madeira; os *guaranis* do Paraguai; os *gauchos* que habitam as extensas pampas argentinas, e que são admiráveis cavaleiros; os *araucânios* do Chile; e ainda os *teüelches*

da Patagónia, cuja estatura elevada oscila entre 1,78 e 1,83.

Do estudo das *raças humanas*, fixemos o seguinte :

QUADRO ETNOGRÁFICO

RAÇA BRANCA	ramo indo-europeu ou ariano	f. <i>latina ou romana</i> — portugueses, france- ses, espanhois, italianos e rumenos.
		f. <i>germânica ou teutónica</i> — alemães, in- gleses, escoceses, escandinavos e fla- mengos.
		f. <i>eslava</i> — sérvios, russos, búlgaros, croa- tas, polacos e boémios.
		f. <i>grega</i> — gregos e albaneses.
RAÇA AMARELA	ramo semítico	f. <i>céltica</i> — povos de W. da França, país de Gales, Escócia, America do N. e Irlanda.
		f. <i>basca</i> — Pireneus occidentais.
		f. <i>caucásica</i> — georgianos e mingrélios.
		f. <i>iraniana</i> — persas, afgans, kurdos e ar- ménios.
RAÇA NEGRA	ramo hamítico	f. <i>ariana</i> — hindus.
		árabes, judeus, antigos assírios, fenícios e cartagineses.
		berberes, tuaregs, beduínos, coptas, felaḥs, abissínios, somális, galas e mouros.
		tongusses, mandchus, kalmuks, mongóis, tatars, turcos, kirghizes e turcomanos.
RAÇA PARDA	ramo urálico	esquimós, finenses, samoiedas, lapónios e húngaros ou magiares.
		ramo mongólico
		chineses, siameses, anamitas, tibetanos, japoneses e coreanos.
		ramo oriental
RAÇA VERMELHA	ramo ocidental	pápuas, melanésios, negritos e indígenas australianos.
		iolofos e mandingas, haussá, dínkas, ca- fres (zulos, bechuanos, congoleses, ma- cuas e angolenses) peuls, akas e bochi- mans ou hotentotes.
		ramo setentrional
		malaios, hovas, indonésios, batak. alfu- rus, daiaks, polinésios e mauris.
RAÇA VERMELHA	ramo meridional	peles vermelhas, apaches, iroqueses, az- teques, mosquitos e maias.
		incas ou quichuas, botocudos, guaranis, gauchos, araucânios e tetielches.

4 — As línguas

Denomina-se *lingüística* ⁽¹⁾ a sciência que estuda as *línguas*.

A sciência da linguagem, a-pesar-de ser de formação recente, tem-se desenvolvido extraordinariamente, e a tal facto se deve o vermos fazer-se hoje o estudo das diferentes línguas por processos de observação rigorosos, de certo modo semelhantes aos que se empregam para a *física*, *química*, *zoologia*, *botânica*, etc.

A linguagem, ⁽²⁾ que tanto distingue o homem dos outros animais, é um meio indispensável para a expressão do pensamento; e, porque aquela quasi sempre varia de nação para nação, também, por isso, nos vem elucidar sobre o desenvolvimento intelectual e social dos povos.

Tem a natureza grande influênciã na distribuição das *línguas* pela superfície da Terra, devendo-se a sua diversidade ás condições mesológicas, ao género de vida que o homem leva, ao seu temperamento, etc.

Ao conjunto de vozes ou termos de que cada povo se serve para traduzir os seus pensamentos ou conceitos, damos nós nome de *língua* ⁽³⁾ ou *idioma*.

(1) Não deve confundir-se a *lingüística* com a *filologia*. Aquela é uma *sciência natural*, enquanto que esta é uma *sciência histórica*.

(2) A faculdade da linguagem reside na parte posterior da 3.ª circunvolução frontal de *Broca*, encontrando-se nos dois lados, mas predominando, geralmente, do lado esquerdo.

Diz-se *afasia* a perda da palavra; a perda desta conservando-se, porém, a intelligência tem o nome de *afemia*.

(3) A linguagem particular duma província, região ou cidade, derivada da língua geral e modificada na acentuação e nos accidentes gramaticais, diz-se — *dialecto*.

E' extraordinária a variedade das línguas faladas no globo.

Atendendo, porém, à sua formação e estrutura, e tomando para base o modo como se combinam as raízes e as palavras se dispõem, os filólogos classificaram as *línguas* em 3 tipos.

São eles: 1 — o *monossilábico*, *isolante*, *isolatório* ou *remático*; 2 — o *aglutinante* ou *aglutinativo*; 3 — o *flexivo* ou de *flexão*.

As *línguas monossilábicas*, são formadas de palavras de uma sílaba, cujo sentido varia conforme o lugar que elas ocupam na frase. Nas línguas dêste tipo todas as palavras são *raízes*, não havendo nem prefixos nem sufixos, nem declinações nem conjugações, e reduzindo-se a gramática ao estudo da sintaxe.

Dizem-se *aglutinantes* as línguas em que as palavras são constituídas por diversos elementos que se reúnem. Um deles representa o papel de *raiz*, que é invariável, e os outros que, juntando-se àquela, lhe modificam o sentido, revestem a forma de *prefixos* ou *sufixos*.

Nas *línguas de flexão* as raízes são alteradas pela junção de letras ou de uma palavra, segundo a função que na frase desempenham. São estas as línguas de estrutura gramatical mais perfeita, caracterizando-se pelas declinações e conjugações.

O número de línguas faladas no globo aproxima-se de um milhar, tendo-se já classificado 930 que, pelas 5 partes do mundo, se distribuem do modo seguinte: *Europa* — 53; *Ásia* — 153; *África* — 185; *América* — 422; e *Oceânia* — 117.

Porque assim é, tem-se procurado a *formação artificial* de uma *língua universal*.

Os resultados, porém, têm sido pouco apreciáveis, o que não nos deve causar estranheza porque as línguas só *naturalmente* se desenvolvem e fazem a sua evolução.

Foi por tal processo que surgiu o *esperanto*, criação do médico polaco DR. ZAMENHOF, e que já existe há cerca de 40 anos.

Ainda em Abril de 1922, em Genève, se realizou uma conferência com o fim do *esperanto* ser apreciado sob o ponto de vista pedagógico, tendo a ela assistido Professores de 28 nacionalidades e sido representados, oficialmente, 16 govêrnos.

E' possível que, um dia, esta língua consiga os fins que se propõe o que, em boa verdade, até agora se não verificou.

Certo é, todavia, que os defensores do *esperanto* (1) procuram que êle seja estudado nas *escolas oficiais* de todos os países civilizados, tendo sido manifestada esta aspiração, na já referida conferência de Genève.

Mas, até êste momento, ainda o não conseguiram.

De todas as línguas do globo, as mais faladas são: O *chinês* por 300 milhões de homens; o *inglês* por perto de 160; o *russo* por 110; o *árabe* por 100 milhões; o *alemão* por 100; o *espanhol* por 80; o *francês* por 79; o *italiano* por 35; o *português* por 30; o *polaco* por 15; e o *holandês* por 10.

OBSERVAÇÕES: Para completarmos o estu-

(1) Vide sôbre êste assunto a *Revista Escolar*, (Elvas) de Novembro de 1922 — Ano 2.º, n.º 11.

do das *linguas* ⁽¹⁾ que os povos falam à superfície da Terra, devemos aqui fazer a sua enumeração, classificando-as segundo os 3 tipos já anteriormente referidos, isto é, dizer se são **monossilábicas, aglutinantes** ou de **flexão**.

Assim, pertencem ao **tipo monossilábico**: o *chinês*, o *tibetano*, o *birman*, o *siamês* e o *anamita*.

O **tipo aglutinante** compreende: as linguas *uralo-altaicas* como o *japonês*, o *coreano*, o *mongol*, o *magiar* ou *turco*, o *lapão*, o *filandês*, etc.; as linguas *malaio-polinésias*, como o *malaio*, o *ankova* falado em Madagascar, o *javanês*, o *batak*, etc.; as africanas nas quais distinguimos as linguas *mandingas* faladas a N. W. do Sudão, o *kro* do N. da Guiné, o *iolofo* da Senegâmbia, o *bambara*, o *daomé*, o *haussá* língua comercial do centro da Africa, o *bunda*, da Guiné meridional, o *bantú*, a *gala*, a *hotentote*, etc.; as linguas *dravidianas* como o *tamul*, o *male*, o *canará*, e outras faladas ao Sul da Índia; as *hiperbóreas* como o *esquimó*, o *samoieda*, etc.; as *australianas*; as *caucasianas* ou *caucásicas* como o *georgiano*, o *tcherkesse*, etc.; e as *polissintéticas* ou *holofrásticas*, em que a frase se reduz a uma comprida e única palavra. A's linguas *polissintéticas* pertencem numerosos *dialectos americanos* falados pelos índios, o *paduca* do México, o *asteque*, o *quinchua*, que falam os antigos Incas, o *guarani*, e o *basco* ou *êuscaro* da Biscaia.

As linguas de **flexão** formam 2 grandes classes

(1) Para o estudo das *linguas*, podem lêr-se, com vantagem os autores seguintes: K. BRUGMANN — *Grammaire comparée des langues indo-européennes*, e A. HOVELACQUE, *La Linguistique — Histoire naturelle du langage*.

A *primeira* é a das línguas semíticas ou semítico-hamitas; a *segunda classe* é constituída pelas línguas arianas ou indo-europeias.

Compreende aquella classe o *hebreu*, e o *árabe* que se fala desde o Eufrates até Marrocos, da Síria até ao Yemen, no vale do Nilo, no interior do continente africano, em algumas ilhas que formam o arquipélago das Indias Orientais, etc.

Tambem se incluem nesta primeira classe algumas *línguas mortas* como o *araméu* (idioma dos caldeus ou babilónios) o *assirico* e o *fenicio*.

A classe das línguas indo-europeias, que abrange as mais importantes do globo, divide-se nas 9 FAMILIAS seguintes:

1 — A' FAMÍLIA HINDU pertencem: o *sânscrito* (que quer dizer: *perfeito*) língua sábia e sagrada dos antigos hindus; o *prácrito* (que significa: *natural*) língua popular dos mesmos povos, sendo o *páli* falado outrora no oriente da India, um dos seus mais importantes dialectos; o *bengalês* falado pelos 30 milhões de habitantes de Bengala; o *pend-jábi* ou *pandjab*; o *marata* ou *mahratta* falado por 10 milhões de homens; e o *tzgiane* falado pelos ciganos que actualmente vêmos dispersos pela Europa.

2 — FAMÍLIA IRANIANA OU IRÁNICA. Incluimos nesta familia o *velho persa*, o *novo persa*, o *blutchi*, o *curdo*, o *güebro* falado pelos masdeistas que se refugiaram na Índia, e o *paktu* que falam os afghans ou afegãos.

O *zend* ou *zende*, por assim dizer a lingua primitiva dos persas (bactrianos), também pertence à familia de que nos estamos ocupando; e foi da sua comparação, e do sânscrito, com as actuais

linguas da Europa que concluimos que os latinos, os germanos, os eslavos, os celtas e os iranianos têm todos a mesma origem: — a ariana.

O nome de *avéstico* e não o de *zend* é o que deve preferir-se para designar a primitiva lingua da Bactriana.

3 — FAMÍLIA ARMÉNIA OU ARMÉNICA.

E' representada pelo *arménio*.

4 — FAMÍLIA ALBANESA. Figura como lingua desta familia: o *albanês*, falado a W da Península Balcânica.

5 — FAMÍLIA BALTO-ESLAVA. Compreende o *livônio*, o *lituânio* ou *letão*, o *velho prussiano*, o *russo*, o *polaco*, o *tcheque* da Boémia, da Morávia e do N. W. da Hungria, o *rusniaco* falado ao N. da Hungria, e o *ilirio* que abrange os dialectos — *sérvio*, *herzegovino*, *croata* e *montenegrino*.

6 — FAMÍLIA HELÉNICA — onde vamos filiar o *grego antigo* e o *grego moderno*.

7 — FAMÍLIA ITÁLICA. — Esta familia abrange os dialectos *óscos*, *ômbrios* e o *latino*.

Do *latim* ⁽¹⁾ são derivadas segundo MAYER-LUBKE as seguintes linguas, chamadas *neo-latinas*, *novi-latinas*, ou *românicas*: *italiano*, *espanhol*, *português*, *francês*, *antigo provençal*, *rético* e *rumeno*.

8 — FAMÍLIA GERMANICA — Divide-se em dois ramos: o *gótico* também chamado *germânico oriental* e o *alemão*.

O primeiro subdivide-se em: *islandês* — do qual

(1) As linguas que. como o *latim*, já se não falam, dizem-se — *mortas*.

proviéram o *inglês* e os *tres idiomas escandinavos*: *sueco*, *norueguês*, e *dinamarquês* — e *baixo alemão* que abrange o *holandês*, o *flamengo* e o *frisíaco* ou *frisão*.

Ao segundo ramo, isto é, ao *alemão* pertencem: o *alto-alemão*, *alemão propriamente dito* ou *tudesco*, nome porque também é conhecido, o *francônio*, o *bávaro-austriaco* e o *suábio* da Alsácia e também falado em alguns cantões da Suíssa.

9 — FAMÍLIA CÉLTICA. Desta familia fez parte o *gálico* ou *gaules*, falado até ao tempo de Caio Júlio Cesar, isto é, até, à conquista da Gália, e do qual restam apenas 20 inscrições.

Dela ainda subsistem o *irlandês*, o *erse* ou *gaélico* falado ao N. da Escócia, o *kimrico* do país de Gales, o *armórico* ou *armoricano* da Bretanha, e o *manense* da ilha de Man.

Resumindo o estudo feito, formamos o seguinte:

LÍNGUAS AGLUTINANTES	línguas uralo-altaicas	{ japonês, coreano, mongol, magiar ou húnga- ro, turco, lapão, e finlandês.
	línguas malaio-polinésias	malaio, ankova, javanês, e battak.
	línguas africanas	mandingas, kro, iolofo, bambara, daomé, haus- sá, o bunda, o bantú, a gala, e a hotentote.
	línguas dravidianas	tamul, male, canará, e as do S. da Índia.
	línguas hiperbóreas	esquimó e samoieda
	línguas australianas	
	línguas caucasianas	{ georgiano e tcherkesse.
	línguas polissintéticas ou holofrásticas	{ dialectos americanos, o paduca, o aste- que, o quinchua, o guarani, e o basco ou êuscara.

LÍNGUAS DE FLEXÃO

línguas arianas ou indo-europeias

línguas semíticas { o hebreu, o arábico
ou semítico-hamitas { (o arameu, o assírico e o fenício).

1—f. *Hindu* { (sânscrito, prácrito, páli) bengalês, pendjâbi, marata e tzigane.

2—f. *Iraniana* { velho persa, novo persa, blutchi, curdo, güebro, páktu, (zend ou avéstico).

3—f. *Arménia* { arménio.

4—f. *Albanesa* { albanês.

5—f. *Balto-eslava* { livónio, lituânio, velho prussiano, russo, polaco, tcheque, rusniaco, ilírio { sérvio, herzogovino, croata montenegrino.

6—f. *Helénica* { grego antigo e grego moderno.

7—f. *Itálica* { ôsco, ômbrio e latim { línguas { italiano, espanhol,
novi-latinas { português, francês,
antigo provençal,
rético e rumeno.

8—f. *Germanica* { gótico { islandês { inglês { sueco
ou { idiomas { norueguês
germânico { escandinavos { dinamarquês
oriental { baixo alemão { holandês
flamengo
frisiaco
alemão { alto alemão ou tudesco, francónio, bávaro-austriaco e suábio.

9—f. *Céltica* { (gálico ou gaulês), irlandês, erse ou gaélico, kimrico, armórico e manense.

5 — As religiões

Hierologia — é a ciência que estuda as religiões.

Estas mais não são do que as diversas formas como os homens manifestam a sua crença em um ou muitos deuses. Aos actos externos de uma religião damos o nome de — *culto*.

A classificação das religiões pode ser feita em 3 grandes grupos: 1 — o **fetichismo** ou **animismo**; 2 — o **politeísmo**; e 3 — o **monoteísmo**.

Os **fetichistas** ou **animistas** seguem o culto dos objectos inanimados, dos animais e dos espiritos.

Conforme o *fetiche* ou *feitiço* é um animal, uma planta ou um astro, assim o *fetichismo* toma respectivamente os nomes de zoolatria, fitolatria e astrolatria.

E' professado pelas populações negras da Africa e da Oceânia, sendo ainda seguido na Asia setentrional com a designação de *chamanismo*.

Nêste grupo devemos incluir o *totemismo* — de *to-tem* etimologicamente: *emblemata familiar* —, talvez a forma religiosa primitiva.

«No totemismo, as pessoas crêem-se associadas a uma espécie animal ou vegetal e aparentadas entre si por intermédio de um grande antepassado, que é, ao mesmo tempo, um homem e um animal ou uma planta desta espécie.

Por exemplo: entre os australianos, ha grupos de pessoas, formando o clan do côrvo, o clan da serpente, o clan da madresilva, etc.

Em certos casos, raríssimos, o antepassado não é nem um animal, nem uma planta, mas sim

um fenómeno natural, tal como o sol, a água, o trovão, o gelo...

Todas as pessoas do clan são aliadas entre si e aparentadas com o animal ou com a planta, o *totem*, de que elas usam o nome. Rendem culto a êste antepassado-totem, que não pode ser nem morto nem comido e que consideram como tendo sido o instrutor dos homens, o intermediário entre eles e as forças da Natureza. » (1)

No **animismo**, mas já com um carácter mais elevado, filiam-se: o **mazdeísmo** ou **magismo**, antiga religião de Zoroastro, cujo princípio é a luta entre o bem e o mal, e hoje seguido na Pérsia e Índia; o **sinismo**, adoração de espiritos inumeráveis, e o culto dos antepassados são professados pelos chineses. Ali se baseia o **sinto** ou **sintoísmo** — religião japonesa.

O **politeísmo** — é o culto de muitos deuses.

As *religiões politeístas* são as seguintes: o **vedismo** — de *véda* que significa: *saber*, — é um culto naturalista com uma multidão de deuses, representando forças da Natureza ou sendo êles as próprias forças.

Como no bramanismo, que a seguir estudamos, vemos no vedismo as *castas*.

O **bramanismo**, **bramismo** ou **hinduísmo**, culto panteísta que reconhece um deus superior — *Brama*⁽²⁾ — com divindades subalternas — *Vixnu* e *Siva*.

Admite o regimen das *castas*: *brâmanes* ou sacerdotes, *xatrias* ou guerreiros, *vaicias* ou comer-

(1) Beuchat e Hollebecque, *História das Religiões*, pag. 45.

(2) *Brama* ou *Brahma*, etimològicamente: *oração*.

cientes, e *sudras* ou servidores. Estas eram as castas puras, havendo uma impura: a dos *párias*.

Também no *bramanismo* encontramos a *metempsicose*. (1)

O *budismo* é o scisma do *bramanismo* e foi prègado por Buda. (2) No Tibet e Indo-China chama-se *lamismo* ou *lamaismo*; na China, *religião de Fó*; e, no Japão, *budsó*.

O *confucionismo*, devido ao filósofo chinês CONFÚCIO ou KUNG-FU-TSEU é mais um sistema filosófico que uma religião. Não tem templos nem sacerdotes e presta culto á Natureza.

O *taoísmo* — religião de Lau-Tseu, compreende uma infinidade de deuses como o Sol, os da Felicidade, etc.

O *sabeísmo* consiste na adoração dos astros sendo, por muitos, confundido com a *astrolatria*.

O **monoteísmo**, culto que não admite senão um deus, compreende o *judáismo* ou *jeovismo*, o *cristianismo* e o *maometismo* ou *islamismo*.

O *judáismo*, era a religião do antigo povo hebreu ou judeu, também designado pelos nomes de hebraico ou israelita.

Jeová (Jehovah) criador do mundo era o seu deus.

Ainda hoje é seguido pelos israelitas que habitam a Rússia, Holanda, Rumânia, Alemanha, Marrocos, etc.

O *cristianismo*, originário da Palestina, é o sistema

(1) A *metempsicose* é a transmigração das almas; estas andando de corpo em corpo até se purificar, voltam ao seio de *Brama*.

(2) *Buda* ou *Bhuda*, etimològicamente: *sábio*.

religioso, cujo número de adéptos é quasi igual ao daquêles que seguem o *budismo*.

Abrange: OS RITOS — pouco seguidos — *copta*, *maronita*, *abissínio* e *arménio*; e AS IGREJAS, *católica-romana* — *grega*, ⁽¹⁾ *scismática*, *oriental* ou *ortodoxa* — e a *protestante* ⁽²⁾

O *protestantismo* compreende as seguintes seitas: *luteranos*, *anglicanos*, *calvinistas*, *reformados*, *presbiterianos*, *anabaptistas*, *sacramentários*, *independentes*, *quakers*, *metodistas*, *latitudinários*, etc.

O *maometismo* ou *islamismo*, amálgama de elementos judeus, pagãos e cristãos, formou-se na Arábia, 6 séculos após a origem do cristianismo, sendo ainda hoje a religião seguida em quasi todo o ocidente asiático.

Tambem tem adeptos na Índia, na Indonésia, no N. da Africa, no Congo, na Guiné, no Soldão, no litoral do oriente africano e, ainda, na península balcânica.

O *islamismo* é a religião de *Maomet*, e as suas doutrinas encontram-se no — *Alcorão*. Não tem sacerdotes propriamente ditos, estando o serviço das *mesquitas* confiado aos chamados — *imans*.

Sob o ponto de vista numérico, as religiões distribuem-se pelo modo seguinte:

Religiões dos chamados povos selvágens — 200 milhões de adeptos; *sinismo*, compreendendo o *taoismo* e o *confucionismo* — 300 milhões; *sintoismo* — 17 milhões; *bramanismo* — 150 milhões; *budismo* — 440 milhões; *judaismo* (israelita) — 12 mi-

(1) Século XI.

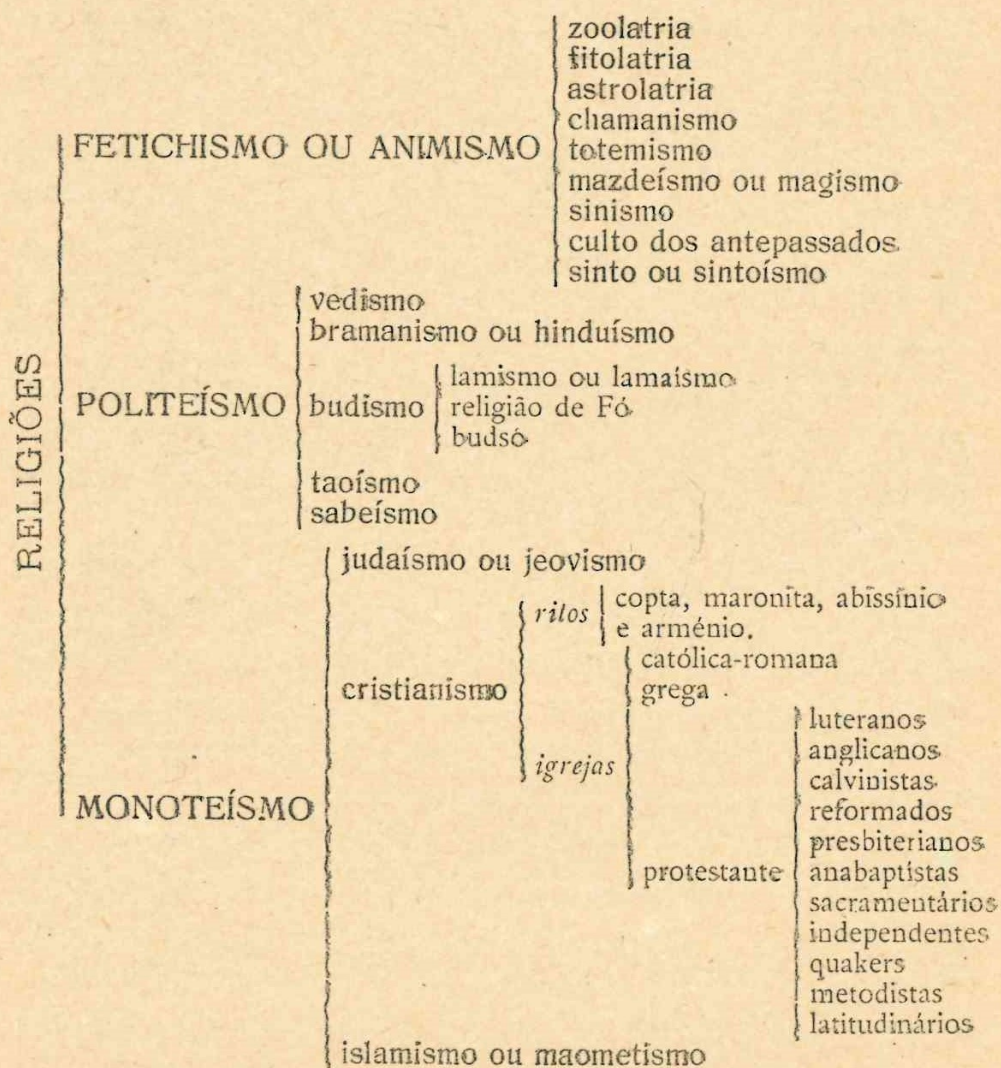
(2) Século XVI.



lhões; *cristianismo* — 560 (1) milhões, sendo 270 católicos, 110 gregos e 180 protestantes; e *maometismo* — 150 milhões.

Sintetizando o estudo das religiões, podemos formar o seguinte:

QUADRO HIEROLOGICO



(1) Segundo HICKMANN, *Atlas Universel — politique, statistique, commerce*, — pag. 15.

6 — As formas de Estado

O aglomerado de cidades, vilas e aldeias, em que os respectivos habitantes, falando a mesma língua, têm costumes, tradições e aspirações semelhantes, denomina-se — *nação*.

Ora, quando o *território nacional* é governado soberanamente pelos seus habitantes, isto é, pela *colectividade*, formando uma individualidade política, temos o que se chama — *estado*.

Por isso êste não é mais do que a nação politicamente organizada. (1)

Não é fácil tarefa fazer uma classificação perfeita dos diversos *tipos de estado*.

Todavia, na que apresentamos, parece-nos que ficam todos êles incluídos, e claramente definidos.

Pelo que diz respeito à sua *origem* ou *formação* os *estados* (2) podem revestir dois aspectos: *originários* e *derivados*. Aquêles surgem por espontânea evolução; êstes resultam de partes de diversos estados, ou mesmo de outros estados que directamente se fundem.

Quanto a sua *composição*, *estrutura* ou *grau de fusão*, dividem-se os estados em *simples* ou *unitários* e *compostos*.

(1) Nem sempre o *estado* coincide com a *nação*.

Assim, antes da Grande Guerra, verificamos que o estado *austro-húngaro* não era uma nação, pois, compreendia povos diversos e, a *Polónia*, que existia como nacionalidade, não formava um estado.

Hoje a *Polónia* é um dos estados da Europa.

(2) Não devem confundir-se as *formas de estado* com as *de governo*, de que adiante falaremos.

As primeiras dizem respeito à composição geral do estado, enquanto que as segundas referem-se aos diversos modos como se exerce o poder público.

Nos primeiros o mesmo govêrno exerce-se sobre todos os habitantes do estado; nos segundos diversas partes da nação têm autonomia e govêrno próprio, e só vivem ligadas umas às outras para fins de interesse comum.

Os estados compostos compreendem: a *união pessoal*, a *união real*, a *confederação* e a *federação*.

A *união pessoal* dá-se sempre que dois ou mais estados soberanos e independentes têm o mesmo chefe.

Nêste tipo de união os estados componentes conservam-se com a sua soberania, desdobrando-se o chefe de estado em *tantas entidades internacionais quantas são as corôas*, mas ficando bem distintos os interesses de cada um dos estados que formam a *união pessoal*.

Os cidadãos de um estado componente da união, são estrangeiros em relação aos outros estados que dela fazem parte.

Na *união pessoal* só há de comum — o chefe de estado, e quási sempre tem carácter temporário.

A *união real*, que reveste um aspecto de permanência, verifica-se quando além de ser o mesmo o chefe de estado, há também a comunidade de certos interesses.

Na *união real* cada estado componente conserva a sua soberania interna, mas os vários estados reünidos constituem *uma única personalidade internacional*, isto é, o chefe do estado é quem dirige as questões de ordem externa.

A Austria e a Hungria formaram uma *união real*, bem como a Suécia e a Noruega.

Quando dois ou mais estados independentes, com certã duração, formam um organismo com

governo comum, distinto do de cada um dêles, e o qual exerça todas as atribuições determinadas no pacto ou tratado da associação, temos o que chamamos uma — *confederação*.

Cada um dos estados que a compõem mantém a sua soberania completa, podendo exercer livremente a sua acção externa, desde que proceda sempre de acôrdo com os interesses da *confederação*. Nesta os individuos estão sujeitos a um só poder — isto é, ao daquêles dos Estados confederados de que êles são súbditos ou em cujo território vivem.

O documento legal que organiza a *confederação*, tem o carácter de um *pacto* ou *tratado*, e não de uma lei constitucional.

Na *federação* ou *estado federal* — os estados que, reunindo-se, a constituem, obedecem a um organismo político comum — o *estado central* —, que restringe ou amplia, à sua vontade, as atribuições dos estados componentes.

Aqui nenhum estado pode desligar-se, ao contrário do que sucede na *confederação*.

Na *federação* os cidadãos estão sujeitos a dois poderes: o do *estado central*, e o do *estado membro* de que êles são súbditos e em cujo território se encontram.

O diploma que regula os direitos e deveres dos *estados membros* da *federação*, reveste a natureza jurídica de uma lei constitucional.

São federações a Suíça, o Brasil, os Estados Unidos, etc.

Pelo que se refere ao *exercício da soberania* os *estados* podem ser: *soberanos* ou *independentes* e *meio-soberanos*.

Os primeiros não estão sujeitos a qualquer tutela ou restrição de outro estado; os últimos são mais ou menos autómonos quanto ao exercício da soberania interna, mas dependem doutro estado pelo que diz respeito à soberania externa.

Nos estados *meio-soberanos* incluímos os *protectorados*,⁽¹⁾ os *estados tributários* e os *vassalos*.

Todos êstes tipos de estado,⁽²⁾ mas por modos diferentes, estão subordinados a outros mais poderosos.

Diz-se *suzerano* o estado de que depende o *vassalo*.

Económica e socialmente considerados os estados podem êstes revestir dois aspectos: o *burguês* e o *intervencionista*.

O *estado burguês* reflecte a corrente conservadora e nêle se acentua mais ou menos a essência da doutrina individualista.

No *estado intervencionista*, já com feição moderna, aparecem os *orçamentos sociais* em que se inscrevem verbas para as chamadas — *despesas sociais*.

Nestas despesas incluem-se os auxílios dados aos assalariados como sejam, por exemplo: nos accidentes de trabalho, na gravidez, em obras de hygiene e de beneficência, em seguros sociais e contra doenças, etc.

(1) Dos *protectorados* occupar-nos-hemos adiante ao fazer o estudo dos diferentes tipos de *colónias*: destas algumas podem bem ser consideradas como *estados meio-soberanos*.

(2) Entre as formas de restrição da soberania dum estado, figura o caso da — *neutralidade*.

Assim, por exemplo, certo estado pode conservar-se estranho a uma guerra entre duas ou mais nações pelo que toma a designação de *estado neutro*.

Quere dizer, o *estado intervencionista* procura conciliar os interesses do capital e do trabalho, não cessando as nações civilizadas de aumentar as verbas destinadas aos — *orçamentos sociais*.

Em 1909, segundo o senador francês GERVAIS, a Alemanha gastava 65 milhões de marcos em *despesas sociais*; a Inglaterra — 300 milhões de francos; a Austria — 14 milhões de francos; a França — 120 milhões; a Itália — 21 milhões; a Bélgica — 28 milhões; a Dinamarca — 10 milhões; a Noruega — 35 milhões; a Suíça — 6 milhões; e Portugal — 2.800:000 francos.

Sintetizando formemos o seguinte:

QUADRO DAS FORMAS DE ESTADO

ESTADOS	Quanto à origem ou formação	{ originários derivados	
	Quanto à estrutura ou composição	simples	{ união pessoal união real confederação federação
		compostos	
	Quanto ao exercício da soberania	{ soberanos ou independentes meio-soberanos { protectorados tributários vassalos	
	Quanto ao ponto de vista económico-social	{ burgueses intervencionistas	

NOTA — Devido à Grande Guerra, os *Estados da Europa*, além dos estados livres de *Dantzig* e de *Fiume*, são os seguintes:

7 — As formas de Governo

O conjunto de órgãos que exercem o poder público diz-se — *governo*.

Os povos nem sempre apresentam as mesmas *formas de governo*.

Podemos, todavia, reduzi-las a um certo número de tipos, de cuja classificação nos vamos sucintamente ocupar.

Quanto ao *modo como se constitui o poder supremo* os governos podem revestir dois tipos que são: o *monárquico* e o *republicano*.

Monarquia é a forma de governo em que o chefe do estado exerce *vitaliciamente* a sua autoridade, obtendo-a por hereditariedade e, raras vezes, por eleição.

Daí a sua divisão em *hereditária* e *electiva*.

Quanto à *função do chefe do estado* a *monarquia* pode ser: *despótica*, se o monarca tem poderes ilimitados, arbitrários e opressivos; *absoluta*, quando somente o monarca faz as leis, mas as

ESTADO	CAPITAL	ESTADO	CAPITAL
Rússia	Petrogrado	Austria	Viena
França	Paris	Bulgária	Sofia
Alemanha	Berlim	Suíssa	Berne
Inglaterra	Londres	Dinamarca	Copenhague
Espanha	Madrid	Bélgica	Bruxelas
Itália	Roma	Holanda	Haia
Suécia	Estocolmo	Estónia	Revel
Noruega	Cristiânia	Letónia	Riga
Polónia	Varsóvia	Lituânia	Vilna (ou Kowno)
Ruménia	Bucarest	Ucrânia	Kiew
Yugo-Eslávia	Belgrado	Turquia	Constantinopla
Finlândia	Helsingfors	Albânia	Escutari (ou Durazo)
Tcheco-Eslováquia	Praga	Luxemburgo	Luxemburgo
Hungria	Buda-Pest	Andorra	Andorra
Grécia	Atenas	S. Marino	S. Marino
Portugal	Lisboa	Mónaco	Mónaco
Islândia	Reykjavick	Liechtenstein	Liechtenstein ou Vaduz

cumpre, e respeita também os costumes e tradições da nação; *constitucional* se, existindo um estatuto fundamental ou constituição, respeitada pelo chefe do estado, êste é o responsável pelos actos do poder executivo, não exercendo os ministros mais do que simples funções administrativas; *parlamentar*, quando tendo uma constituição, ⁽¹⁾ o chefe do estado não tem perante o parlamento qualquer responsabilidade, a qual pertence exclusivamente ao *gabinete*.

Rèpublica é a forma de govêrno em que se elege o chefe do estado, e êste exerce o poder *temporariamente*.

A *eleição do chefe do estado* pode fazer-se de 3 modos: por *sufrágio directo*, por *eleição dupla*, e no *parlamento*.

No primeiro caso o *presidente da rèpublica* é eleito directamente pelo povo; no segundo pelos representantes dos estados da federação, isto é a eleição faz-se em 2 graus; e no terceiro, pelo parlamento.

Quanto à *função do chefe do estado* as *rèpublicas* dividem-se em *presidenciais*, *parlamentares* e *directorias*.

Na *rèpublica presidencial* existe uma verdadeira distinção entre o poder executivo e o legislativo, pertencendo aquêlê ao presidente, que é o único

(1) *Constituição* é o código fundamental em que estão regulados os direitos e deveres individuais, bem como a função dos poderes do estado. Dada pelo monarca diz-se — *carta constitucional*.

NOTA — Os *monarcas* podem tomar os seguintes nomes: rei, imperador, duque, grão-duque, príncipe, conde, margrave, beicão, iman, sultão, micado, xeque, emir, soba, califa, etc.

responsável pelo seu exercício, tendo os ministros mera função administrativa.

A *rèpublica parlamentar* apresenta estreita afinidade entre os poderes legislativo e executivo sendo responsável, perante o parlamento, pelos actos dêste ultimo poder, não o presidente, mas o *gabinete*.

A *republica directorial* assenta no principio da subordinação do poder executivo ao legislativo, considerando-se aquêlê organizado apenas para executar as deliberações do parlamento.

O poder legislativo é, nas *rèpúblicas directoriais*, o órgão supremo do estado.

Quanto às *classes que participam do poder* as *rèpúblicas* podem ser: *teocráticas* — se os sacerdotes exercem funções civis; *oclocráticas* ou *demagógicas* — quando a multidão governa fundada na violencia; *oligárquicas* — se o poder é exercido por um pequeno numero de indivíduos; *aristocráticas* — quando governam as principais famílias; *plutocráticas* — se dominam os ricos; e *democráticas* ou *igualitárias* quando o povo, isto é, se todos os cidadãos exercem o poder publico.

Pelo que se refere às *relações entre os poderes legislativo e executivo* os govêrnos podem ser: *simplesmente representativos* e *parlamentares*.

Govêrnos *simplesmente representativos*, — são aquêles em que o chefe do poder executivo se encontra directamente relacionado com o poder legislativo, e *pessoalmente* responde pelos seus actos, perante êste poder

Parlamentares — dizem-se os govêrnos em que a relação entre o chefe do poder executivo e o legislativo se estabelece por meio do *gabinete*, que

assume todas as responsabilidades dos actos que pratica no exercício daquele poder.

A falta ou existencia do *gabinete* ⁽¹⁾ é que caracteriza e distingue os governos simplesmente representativos dos parlamentares.

Resumindo fixemos o seguinte:

QUADRO DAS FORMAS DE GOVÊRNO

GOVÊRNOS	Quanto ao modo como se constitui o poder supremo	monarquia	Quanto á forma de transmissão do poder	hereditárias electivas
			Quanto á função do chefe do estado	despótica absoluta constitucional parlamentar
		república	Quanto ao modo da eleição do presidente	por sufrágio directo por eleição dupla pelo parlamento
			Quanto á função do chefe do estado	presidencial parlamentar directorial
	Quanto á relação entre os poderes legislativo e executivo		Quanto ás classes que participam do poder	teocrática oclocrática oligárquica aristocrática plutocrática democrática
				simplesmente representativo parlamentar

(1) Os caracteres fundamentais do *gabinete* são: 1 — responsabilidade pelos actos do chefe do estado; 2 — unanimidade política; 3 — responsabilidade solidária; 4 — existência dum presidente de ministros.

CAPÍTULO II

GEOGRAFIA ECONÓMICA

SUMÁRIO:

- 8—AS CAUSAS DE PROSPERIDADE ECONÓMICA.
- 9—A TERRA, AS SUAS PRODUÇÕES E RIQUEZAS.
- 10—A GEOGRAFIA DE CIRCULAÇÃO.

A parte de antropogeografia que estuda as relações do homem com os recursos que a terra lhe fornece, para o fomento da riqueza, diz-se — *Geografia Económica*.

Esta pode tratar em especial da agricultura, da industria ou do comércio. pelo que a denominamos respectivamente — *geografia agrícola*, *geografia industrial* e *geografia comercial*.

No estudo da *Geografia Económica*, de que vamos ocupar-nos, analizaremos: — as *causas de prosperidade económica* das diversas regiões da Terra, as *principais fontes de riqueza*, e a chamada *geografia de circulação*.

8 — As causas de prosperidade económica

O desenvolvimento e prosperidade económica das diferentes regiões do globo devem-se a um certo número de factores. Dêstes os principais são os seguintes: 1—A extensão e os recortes das costas; 2—Os bons regímenes fluviais ou hidrográficos; 3—A riqueza do solo; 4—A situação geográfica; 5—O bom clima; 6—As colónias; e 7—A actividade do homem.

1 — *A extensão e recortes das costas* — É de altíssima importância para o progresso dum país, possuir este um litoral cheio de recortes com magníficas baías, golfos e estuários, para a entrada e saída de navios

Assim o comércio marítimo toma extraordinário desenvolvimento, como succede com a Inglaterra e outros países de costas extensas e bem recortadas.

2 — *Bom regimen fluvial.* — Os rios navegáveis são utilísimos para a prosperidade das nações, pois facilitam o transporte de mercadorias entre as

NOTA — Já no texto dissemos o que se entende por *Geografia agrícola, industrial e comercial*. Devemos, completando aquêlê estudo, ainda aqui fixar o que é — *agricultura, indústria e comércio*.

Assim a arte de cultivar os campos, a de criar animais úteis ao homem, para a alimentação, a tracção, etc., diz-se — *agricultura* ou *indústria agrícola*. Esta, tendo por objecto a produção de matérias vegetais, abrange: a *cerealicultura*, a *pomicultura*, a *vinicultura*, a *viticultura*, a *silvicultura*, a *oleicultura*, a *floricultura*, a *horticultura*, a *arboricultura*, etc.; e tratando da produção de matérias animais compreende: a *apicultura*, a *sericicultura*, a *piscicultura*, a *zootecnia*, etc.

A *indústria* occupa-se da exploração das matérias primas, utilizando-as e fazendo delas artigos de comércio.

A *indústria*, quando vai buscar as matérias primas ao solo e assim mesmo as aplica, diz-se de *extração* ou *extractiva*; é de *transformação* se tem de trabalhar essas matérias para poderem ser utilizadas pelo homem.

As indústrias que se praticam nas fábricas, denominam-se *fabris* — e os seus produtos ou são manuais (*manufacturas*) ou feitos em maquinismos (*maquinofacturas*).

Segundo o seu objecto as indústrias tomam as designações seguintes: *metalúrgicas*, *têxteis*, de *cerâmica* (largamente praticada no concelho de Barcelos), de *conservas*, de *lacticínios*, *siderúrgicas*, de *serração*, de *rendas*, de *relógios*, de *passamanarias*, etc.

Comércio — é a compra, venda ou troca de produtos agrícolas ou industriais.

Divide-se em *comércio interno* e *externo*, conforme é feito dentro dum país ou com o estrangeiro.

No comércio externo incluímos a *importação* e a *exportação*.

povoações e, além disso, fertilizam muito as regiões que banham.

Em todos os tempos, os povos procuraram estabelecer-se junto dos grandes rios. Modernamente verifica-se tal facto com o Mississipi e, já no passado, os cursos de água não foram indiferentes, antes poderosamente actuaram na civilização dos povos.

3 — *A riqueza do solo* — é uma das causas que mais influi na felicidade de uma região, e os países que, em geral, atingem um elevado grau de progresso, são precisamente aquêles que possuem maior e melhor quantidade de produtos dos três reinos da natureza como, por exemplo, vegetais, combustíveis, minérios, etc.

4 — *A situação geográfica* dos países é um ponto de importância capital para a sua prosperidade.

Assim, se um determinado país fica no interior dum continente, com dificuldade de comunicações, por certo se apresentará muito mais atrasado que outro que esteja no litoral e com fáceis meios de transporte.

Que diferença, por isso, achamos nós, entre a civilização dos sertões das nossas colónias de Angola, e a da cidade de Lisboa.

5 — *Bom clima*. Um clima favorável à vida do homem, poderosamente contribui para o desenvolvimento das diversas regiões do globo.

O homem precisa de boas condições climatéricas para poder trabalhar. E' por isso que as aglomerações humanas se formam, de preferência, nos *climas temperados e salubres*.

6 — *As colónias*. Os domínios coloniais, são causa da extraordinária prosperidade, que muitas nações apresentam. Estas enviam para as suas

colónias todos aquêles braços que podem dispensar, e que vão explorar êsses longínquos territórios que, por vezes, tanto têm contribuído para o engrandecimento da metrópole, dando-lhe mercados para as suas indústrias, matérias primas, substâncias alimentícias, etc.

A importância económica e até política de certos países, provém do facto de possuírem domínios coloniais como sucede, por exemplo, com a Holanda e Portugal.

Além dêstes dois citaremos como potências coloniais — a Inglaterra, a França, a Bélgica, os Estados Unidos, a Itália, a Dinamarca e a Espanha.

7 — *A actividade do homem.* A actividade da população dum país, é sem duvida, uma das melhores condições de prosperidade económica.

Assim os alemães, os norte-americanos, os japoneses, e os australianos modernamente, e ainda no século XVI, os portugueses — conseguiram, pelo seu esforço continuado e brilhante, desenvolver extraordinariamente e prestigiar as suas respectivas Pátrias.

Ao contrário, os chineses não têm feito progredir a terra que habitam, o que se deve ao seu espirito de rotina. E', por isso, que nós encontramos a China num estado pouco florescente, a-pesar-de ter uma população que se conta por 430 milhões de habitantes.

Como vemos, pois, é da maior importância, para os progressos duma nação, a actividade da sua população.

OBSERVAÇÕES: Já anteriormente nos referimos ao valor das *colónias*, e à sua influência na prosperidade dos países que as possuem.

Vamos agora estudá-las, carecterizando os seus diferentes tipos.

Podemos considerar as *colónias* sob 3 aspectos: o *económico*, o *político*, e o *administrativo*.

Econòmicamente as colónias dividem-se em :

1 — *Fetorias ou colónias de comércio* — quando, a-pesar-da sua pouca extensão, se utilizam para um grande movimento comercial, já importando os produtos da metrópole, já exportando as próprias produções. A Guiné e Macau pertencem a este tipo.

2 — *Fazendas ou colónias de exploração ou de plantação* que são constituídas por territórios em que se desenvolvem a cultura de produtos exóticos e as explorações mineiras. Estabelecem-se em regiões de fecundas riquezas naturais. Entre estas contamos a Índia, o Congo belga, Madagascar, S. Tomé e Príncipe e Timor. Dificilmente se separam da mãe-pátria.

3 — As colónias, formadas por núcleos de população que vão estabelecer-se, para encontrar meios de vida, em territórios ultramarinos de condições climáticas semelhantes às da metrópole, dizem-se — *agricolas ou de produção*. Desenvolvem-se lentamente, mas quasi sempre soltam o grito de independência. Foram colónias desta espécie o Brasil e os Estados-Unidos.

4 — *Colónias mixtas* — são aquelas em que se dá a associação dos elementos que caracterizam os tipos anteriormente estudados. Angola e Cabo Verde, são *colónias mixtas*.

Sob o *aspecto político* as colónias formam 5 tipos:

1 — *Colónias propriamente ditas* — que são aque-

las em que a acção da soberania metropolitana é decisiva e directa.

2 — *Protectorados* — aonde a soberania da metrópole não se exerce dum modo tão decisivo como nas colónias propriamente ditas. Num *protectorado* são, geralmente, respeitadas as instituições, os seus funcionários, bem como a sua hierarquia, etc., e o estado civilizado que o protege, defende-o das ameaças dos estrangeiros, e procura introduzir nêle tudo o que o possa tornar progressivo. São exemplos de *protectorados* a Tunisia, o Tonkim, a Corêa, a Índia, etc.

3 — A designação de — *esfera de influência* — pode atribuir-se aquêlê território em que determinado país exerce a sua acção económica, ou deseja ocupar de futuro.

4 — Tambem no estudo das colónias sob o ponto de vista político incluimos as — *concessões de territórios feitas por meio de arrendamentos*, de que certas nações se aproveitam para os progressos da sua vida económica e financeira.

5 — Finalmente são ainda colónias políticas os *settlements*, isto é, as zonas de territorios concedidas pelo govêrno da China a certos estados, para que os súbditos estrangeiros aí possam viver, sendo governados sob a protecção das próprias leis.

Administrativamente as colónias compreendem 3 grupos:

1 — As *colónias civis* — que desempenham um papel da maior importância para a vida da metrópole, sendo por esta orientadas no caminho da civilização e do progresso.

2 — *Colónias militares*. — Nestas os territórios são conquistados por meio da força, isto é, à mão

armada, e os seus colonos são, a um tempo, cultivadores e combatentes.

3 — *Colónias penais*, que são as que recebem os criminosos condenados, na metropole, em penas graves.

Do que dissemos relativamente aos domínios coloniais, podemos fixar o seguinte:

QUADRO DOS TIPOS DE COLONIAS

COLÓNIAS	sob o ponto de vista económico	feitorias ou colónias de comércio fazendas ou colónias de exploração ou de plantação colónias agrícolas ou de produção colónias mixtas
	sob o ponto de vista político	colónias propriamente ditas protectorados esferas de influência concessões de territórios por arrendamento settlements
	sob o ponto de vista administrativo	civis militares penais

9 — A Terra, as suas produções e riquezas

O homem encontra na *Terra* tudo aquilo de que precisa para a satisfação das suas necessidades.

Mas, para isso, aplica a sua actividade, produz *trabalho*.

Podemos, pois, dizer que da *acção do homem na Terra*, resultam as produções, brotam todas as riquezas.

Umas, e outras encontram-se distribuídas pelos tres reinos da Natureza: — o *mineral*, o *vegetal* e o *animal*.

1 — Os minerais

No *reino mineral* temos como principais produ-

ções e riquezas, os *combustíveis*, os *metais* e as *pedras preciosas*.

Como importante combustível citaremos a *hulha*⁽¹⁾ que resulta da mineralização de florestas, há muito tempo soterradas, especialmente do período carbonico. E' o melhor combustível do reino mineral, sendo também muito úteis ao homem a *antracite* e a *linhite*. A todas elas se applica a designação genérica de *carvão de pedra*.

As principais nações produtoras da *hulha* são a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha e a Bélgica; são *consumidores* todos os países civilizados.

Em Portugal há alguns jazigos de carvão no distrito do Porto, em Leiria, e no cabo Mondego, o que não impede, entre nós, uma enorme importação de *hulha*.

Desta extraem-se muitas e variadas substâncias, utilizando-se para o fabrico do *gás combustível*, da *benzina*, das *côres de anilina*, etc.

O *petroleo*, tão applicado na industria e na iluminação existe na Rússia, nos Estados-Unidos, no Cáucaso, na Rumênia, etc., e é importado em quasi todas as regiões do globo. A sua produção regula por 25 milhões de toneladas, annualmente. Também alguns autores ao tratar dos combustíveis, referem o *enxofre* e o *asfalto*.

Aquêlê encontra-se na Sicília, Japão, Corêa,

(1) Referimo-nos á *hulha preta*. E, tambem aqui, devemos dizer que prestam inestimáveis serviços ao homem—a *hulha branca*, representada pela hidrografia terrestre, a *hulha azul*, isto é o ar, e a *hulha verde*, ou seja o mar imenso.

Egipto, Antilhas, Bornéo, Filipinas, e Celebes; e este na Suíssa, França e Antilhas.

Os metais dividem-se em *úteis* e *preciosos*.

Os primeiros empregam-se, principalmente, nas indústrias; os segundos aplicam-se nas moedas, nas jóias e em alguns artigos de luxo.

Entre os *metais úteis* fixaremos: o *ferro*, que é talvez o mais abundante (produzem-se, por ano, no mundo, 150 milhões de toneladas) e o de maior aplicação, e se encontra na Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Espanha, Suécia, França, Rússia, Bélgica, Noruega, Austria, Brasil, e Portugal (em Moncorvo e no Alentejo), sendo importado por quasi todos os países; dêle se passa ao aço, reduzindo-se a proporção de *carbono*.

Além destes mencionaremos: o *cobre*, o mais empregado a seguir ao ferro, que ligado ao estanho forma o *bronze*, e se encontra nos Estados Unidos, Chile, Japão, Espanha e Portugal (Mina de S. Domingos); o *estanho*, que se liga ao ferro, ao chumbo, etc., é aplicado em utensílios de cozinha, e existe na Austrália, Malásia, Tasmânia, Nova Zelândia, Inglaterra, Bolívia, Alemanha e Austria; o *chumbo* (que a Inglaterra importa em grande quantidade) serve para o fabrico de tintas, verniz e balas, liga-se ao antimónio para dar os caracteres de imprensa, e acha-se nos Estados Unidos, Espanha, Alemanha, México, e Austrália; o *zinco*, tão empregado na galvanoplastia e na gravura, existe na Bélgica, Estados-Unidos, Alemanha, Inglaterra e Espanha; o *alumínio* que se produz na França e Estados-Unidos, é de muito pequena densidade e applica-se a muitos objectos de uso comum; o *antimónio* existe na França, Hun-

gria, Itália, Espanha e Portugal; o *níquel*, na Nova Caledonia, Canadá, Inglaterra, Suécia, Noruega, Saxe, etc.; o *volfrâmio* ou *tungsténio*, muito empregado nas lâmpadas eléctricas, e no fabrico de côres, produzem-no os Estados-Unidos, Birmânia, Bolívia, e Portugal, (distrito de Bragança, Guarda, Vizeu, Castelo Branco e Porto); e o *mercúrio*, que se encontra nos Estados-Unidos, Espanha, Austria, China, California, e no Perú, e é de grande aplicação em instrumentos de carácter científico e na extracção de *metais preciosos*, que a seguir vamos estudar.

Os *metais preciosos* são: o *ouro* que vem do Transval, Austrália, Índia, Estados-Unidos, Canadá, Alasca, Brasil, Sibéria, etc.; a *prata*, que existe nos Estados-Unidos, México, Canadá, Bolívia, Perú, Chile, Alemanha, Inglaterra, Tcheco-Eslováquia, Espanha, França e Noruega; e a *platina* que encontramos na Russia (jazigos do Ural) e no Brasil.

Das *pedras preciosas* a mais importante é o *diámante*. quási sempre incolor, mas podendo também ser preto, côr de rosa e verde.

O *diámante* não é mais que o carvão puro cristalizado, e encontra-se no Cabo e no Transval, no Brasil, (Minas Gerais) na Austrália, em Bornéo e Sumatra, na Sibéria e na Índia.

São também *pedras preciosas*: a *ametista* que encontramos nos Alpes, na Sibéria, nas proximidades de Nova York, em Madagascar e na ilha dos Lobos (Lago Onega), e que é o cristal de rocha violeta, côrado pelo óxido de manganês; a *esmeralda*, do Peru, do Brasil (Minas Gerais) da Índia (Malabar), da França, da Saxónia, da Irlanda,

e do rio Esmeralda do Equador, que é quasi sempre verde, podendo também tomar o tom amarelo e ser até, por vezes, incolor; a *turqueza*, de Maadan, Khorassan, (Pérsia), e da Bukharia, junto a Nourata; as *ágatas ou calcedónicas*, côr de pérola, da Islândia, Prússia renana, e ilhas Feroe, que sendo amarelas se dizem *sardónix* (Sibéria), e negras, *onix* (China), também conhecidas estas últimas, pelo nome de — *ôlho de gato*.

Ainda o *corindon* (que é a alumina pura cristalizada) deve ser incluído no estudo das pedras preciosas, e vêmo-lo em Ceilão, costa de Malabar, Khorassan e no rio Modgee da Austrália. Toma nomes diferentes, conforme a sua côr.

Assim, sendo incolor chama-se — *safira branca*; azul, *safira oriental*; amarelo, *topázio oriental*; violeta, *ametista oriental*; e vermelho, *rubim* ou *rubi oriental*.

Finalmente devemos aqui referir ainda como produções importantes do reino mineral: o *mármore* — da Itália (Carrára), Pirenéus, Vosges e Suécia; o *alabastro* — da Grécia, Argélia, Egipto e Portugal; o *jaspe* — da Boémia, Saxe, Itália, China, Japão e Bolívia; o *granito* — da Inglaterra, Portugal, Alemanha, Sibéria, etc.; o *sal gema* — da Inglaterra, França, Alemanha, Austria, China, Japão e Estados-Unidos; o *sal marinho* — Portugal, Espanha, França e Itália; e o *salitre* — da França, Hungria, Itália, Japão, Chile, Perú, etc.

2—Os vegetais

Ao *reino vegetal* vai o homem buscar uma grande parte da sua alimentação, do seu vestuário, madeiras de construção, combustíveis, etc.

Nêle encontramos as *plantas alimentares* e as *industriais*.

Aquelas servem para a alimentação, como os cereais, os tubérculos, as plantas sacarinas, as chamadas plantas coloniais, as especiarias, as árvores de fruto, etc.

As segundas fornecem matérias primas para as indústrias, e nelas incluímos o linho, o algodão, a juta, a borracha, as plantas oleaginosas, as árvores que dão madeiras de construção, etc.

Dos *vegetais* citaremos pela sua importância, e indicando as principais *regiões produtoras*, os seguintes:

O trigo — que se desenvolve nos Estados-Unidos, Rússia, Argentina, Canadá, Austrália, Índia Inglesa, Hungria e Ruménia.

O milho — que é originário da América, e se encontra nos Estados-Unidos, Brasil, Argentina, México, Egipto, Hungria, Ruménia, Rússia, Itália, e a N. W. de Portugal.

O centeio — Rússia, Alemanha, Polónia, Estados-Unidos, Tcheco-Eslováquia, etc.

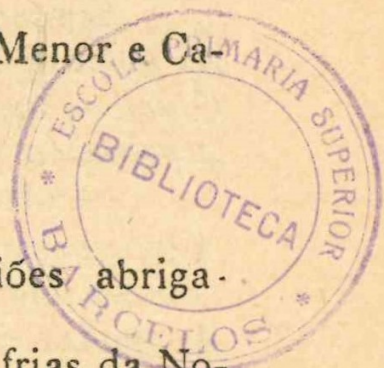
A aveia — Estados-Unidos, Canadá, Alemanha, França, Inglaterra, Polónia, Suécia, Tcheco-Eslováquia, Ruménia, Noruega e Dinamarca.

O arroz — Índia, Indo-China, China, Japão, Malásia, Egipto, Estados-Unidos, Madagascar, Portugal, etc. Produzem-se anualmente 50 milhões de toneladas.

A batata — Alemanha, Rússia, Polónia, França, Inglaterra e Tcheco-Eslováquia.

A mandioca — Brasil. Com ela se prepara a *tapioca* em Singapura (Indo-China).

- O açúcar de cana* — Antilhas, Indonésia, Brasil e ilhas Mascarenhas.
- O açúcar de beterraba* — Alemanha, Austria, França e Russia.
- O café* — Brasil, Venezuela, Insulíndia, India, Ceilão, Arábia, Guatemala, Colômbia e Africa Ocidental.
- O chá* — China e India, Japão, Ceilão e Java.
- O cacau* — México, América Central, Africa Ocidental, (especialmente S. Tomé), Venezuela, Colômbia, Equador, Brasil, Trindade, etc.
- As especiarias* — entre elas a *canela* — Malásia, India, Ceilão, etc.
- A vinha* — França (aonde encontramos os vinhos de *Bordéus*, *Borgonha* e *Champagne*), Itália (*Marsala*, *Siracusa* e *Asti*), Espanha (*Xerés*, *Alicante* e *Málaga*), Portugal (*Porto* e *Madeira*), Argentina, Chile, etc.
- A pereira* — Europa meridional, Asia Menor e Califórnia.
- A amendoeira* — Idem.
- O pessegueiro* — Idem.
- A figueira* — Idem.
- A laranjeira* — Península Ibérica (regiões abrigadas)
- A macieira* — Europa (até às regiões frias da Noruega).
- A oliveira* — (de onde se extrai o *azeite*) Itália, Sul da França, Península Ibérica (regiões quentes e secas) Grécia, etc.
- O azeite* — Penínsulas meridionais da Europa e França.
- A bananeira* — regiões tropicais.
- A tamareira* — climas desérticos da Africa, etc.



A árvore do pão — Indo-China, Malásia e Oceânia.

O linho — Russia, França, Bélgica, Itália, Irlanda, Índia, Egipto, Estados-Unidos, Argentina, Austria e Hungria.

O algodão — Estados-Unidos, Índia, Egipto, China, Turquestan, Brasil, etc.

A juta — região de Bengala.

A ortiga branca — Extremo Oriente.

O cânhamo — Russia, Itália, Ruménia, França, Filipinas, etc.

O tabaco — Estados-Unidos, Índia, Brasil, Filipinas, Holanda, China, Japão, Cuba, Turquia Europeia, Espanha, Hungria, Portugal, etc.

O alcool — Alemanha, Bélgica e Holanda.

A borracha ou cauchu — Brasil, América central e do sul, Africa intertropical, Malásia, etc.

A guta-percha — Península de Malaca, Bornéu e Sumatra.

As gomas — Arábia, Senegal, Soldão, etc.

O anil — Índia, América central, etc.

A palmeira — (que dá o óleo de palma) Guiné, Africa oriental, etc.

A purgueira — Africa oriental e Guiné.

O amendoim — Idem.

As madeiras do norte — (pinheiro, carvalho, etc.) Russia, Suécia, Noruega e Canadá.

As madeiras preciosas — (teca, sândalo, ébano, etc.) países quentes.

A cortiça — Portugal (principal produtor), Espanha e Argélia.

São estas as mais importantes espécies vegetais, cuja distribuição no globo fica indicada quanto às maiores regiões produtoras.

3 — Os animais

Os animais terrestres (*domésticos e bravios*) e os que vivem nos mares, lagos e rios, prestam-nos inestimáveis serviços.

Dêles se serve o homem para a sua *alimentação*, para a *tracção* e para a *indústria*.

Ocupar-nos-hemos dos animais de maior utilidade e dos logares aonde predominam, bem como das suas principais produções, quer alimentares, quer industriais.

Dos *animais domésticos* são dignos de especial referência: — o *cavalo* (1) que vivendo nas zonas temperadas, abunda nos Estados-Unidos, Russia, Argentina, Alemanha, Inglaterra, etc.; o *gado muar e asinino*, que se encontra nas orlas do mar Mediterrâneo; o *boi*, que habita as zonas temperadas, e de que fazem grande exportação os Estados-Unidos, Russia, Índia, Argentina, Uruguai, Hungria, etc.; os *carneiros*, que produzem a *lã* e que são exportados pela Austrália, Nova Zelândia, Estados-Unidos, União Sul Africana, Argentina, etc.; as *cabras*, os *porcos* e ainda vários outros animais que especialmente povoam as zonas temperadas setentrional e meridional.

Entre os *animais bravios*, isto é, os que vivem em liberdade plena nas florestas e nos campos, citaremos: os *carnívoros* como o lobo, o leão, o tigre, o leopardo e a pantera, da zona intertropical; o elefante, o hipopótamo, o rinoceronte da Africa, a zebra, a girafa, o bufalo, o camêlo da India, do

(1) Os cavalos que atingem preços mais elevados são os andaluzes, os inglezes, os árabes e os argentinos.

continente africano e do Tibet, etc.; o coelho e a lebre; o crocodilo e a serpente da Indo-China, Africa e Indonésia; a lontra, os ursos brancos e ainda outros *animais de peles*, das zonas polares.

Das espécies animais que povoam as águas, como a baleia, a foca, etc., e, especialmente dos *peixes*, serve-se o homem não só para a sua alimentação, como ainda para as indústrias, etc.

Os produtos do *reino animal* mais importantes, são os seguintes: o *leite*, a *manteiga*, o *queijo*, etc.; a *lã*, que encontramos na Austrália, Argentina, Colónia do Cabo, Russia, Espanha, França, Estados-Unidos, etc.; a *sêda* da China, Japão, India, Itália, França, etc.; os *couros e as peles*, da Europa, Estados-Unidos, Argentina, Cabo, Austrália, India, etc.; o *marfim*, da Africa equatorial; as *pérolas*, da Asia meridional; as *esponjas*, da costa da Síria; os *corais*, (negros, brancos e vermelhos) da costa italiana, da Berbéria, etc.

Eis o que se nos oferece dizer a largos traços, sob o interessante tema sintetizado nas palavras: *produções e riquezas da Terra*.

10 — A Geografia de circulação

Na rubrica de — *Geografia de circulação* — compreendemos o estudo das *comunicações* ou *meios de transporte*, dos principais *portos de comércio* e da *transmissão ou comunicação das ideias*.

1 — As vias de comunicação

Para o progresso da civilização muito contri-

bui o desenvolvimento das *vias de comunicação* ou *meios de transporte*.

Estes favorecem não só a troca de produtos dos diferentes países, como um maior estreitamento de relações entre os diversos povos.

São, pois, os *meios de transporte* factores que poderosamente influem na *importação* e *exportação* das variadas regiões do globo.

As *vias de comunicação* podem ser: *terrestres*, *marítimas*, *fluviais* e *aéreas*.

Entre as *terrestres* citaremos: as *estradas ordinárias*, que se cruzam em quasi todos os logares da terra firme, e os *caminhos de ferro*, por cujo desenvolvimento se interessam todas as nações civilizadas.

As *marítimas* consistem nas numerosas *linhas de navegação* estabelecidas pela marinha mercante.

A *navegação oceânica* — o mar é a maior via de comércio aberta à actividade do homem — pode ser de *longo curso* ou de *cabotagem*, conforme se efectua pelo mar alto ou a pequena distância da costa.

Nas *vias fluviais* incluímos os *rios navegáveis* e *flutuáveis* e ainda os *canais de navegação*, que podem ser de *junção* e *laterais*.

Finalmente não devemos esquecer que o acentuado desenvolvimento da *aviação* ⁽¹⁾, tem já permitido a regular utilização das *comunicações aéreas*.

(1) A *navegação aérea* tem feito progressos extraordinários.

E, sem exagero, podemos afirmar que o maior impulso dado à aviação se deve aos portugueses — *outrora heróis do mar, hoje senhores do ar!*

Ainda perdura na memória de todos o êxito formidável do *raid Lisboa-Rio de Janeiro* levado a efeito por *Gago Coutinho* e *Sacadura Cabral*, que no momento em que estamos imprimindo

E' este o meio mais rapido de transporte, e dêle muito se espera para o desenvolvimento das relações comerciais.

Fixemos, agora, as principais *vias de comunicação*, a dentro de cada um dos quatro tipos já acima indicados.

Das *vias de comunicação terrestres* as que, pela sua velocidade, melhores condições oferecem na facilidade de transportes são, sem dúvida, os *caminhos de ferro*.

As principais *linhas férreas* são as seguintes:

Na Europa⁽¹⁾: a do *Sud-Express* — Paris, Bor-

estas páginas (Julho de 1923) se estão preparando para mais uma vitória — qual é a da *viagem de circunnavegação*.

O caminho que percorreu Magalhães (1519-1521), sôbre o mar imenso, vai agora ser desenhado no espaço, pelos dois grandes portugueses que, com seus *feitos valerosos*, têm assombrado o mundo inteiro!

Gago Coutinho e Sacadura Cabral, são duas das figuras de maior brilho da *História de Portugal*.

(1) Ocupando-se das *linhas da Europa*, o ilustre Prof. MARIOTTE, diz:

«As principais linhas Norte-Sul, ou mais exactamente *atlânticas-mediterrâneas*, são:

1.º — A linha *Calais* — Paris-Bordéus-Madrid-Cadiz (2:514 quilómetros);

2.º — A linha Calais-Basileia-Gothard-*Brindisi* (2:551 quilómetros);

3.º — A linha Sassinitz-Berlim-Munich-Brenner-Verona-Roma-*Nápoles* (2:241 quilómetros);

4.º — A linha Paris-Munich-Viena-Buda-pest-*Constantinopla* (3:160 quilómetros), prolongada pelo caminho de ferro de Bagdad;

5.º — A linha *Petrogrado*-Moscou-Sebastopol (2:187 quilómetros);

6.º — A linha *Arkhangelsk*-Moscou-Baku (3:680 quilómetros).

As *grandes linhas Oeste-Leste* ou antes *transcontinentais*, são:

déus, Burgos, Medina, Salamanca, Guarda, Pampilhosa, Coimbra e Lisboa; a do *Nord-Espress* — Paris, Liège, Colónia, Hanover, Berlim, Koenigsberg, Vilna e Petrogrado; a do *Orient-Express* — Paris, Strasburgo, Carlsruhe, Stuttgard, Munich, Viena, Buda-Pesth, Belgrado, Nich e Constantinopla; e a do *Peninsular-Espress* ou *transalpestre* — Brindisi, Bolonha, Milão, Lucerna, Bale, Strasburgo, Luxemburgo, Bruxelas, Ostende, etc.

Na *Asia*: a *transsiberiana*⁽¹⁾ — Orenburgo, Omsk, Tobolsk, Irkutsk, Vladivostok — que, atravessando a Sibéria, liga a fronteira oriental da Rússia europeia à costa do grande oceano Pacífico; a *transcaspiana* — Krasnovodsk, Merv, Bukhara, Samarcand, Tachkent — que vai do mar Cáspio ao planalto de Pamir (Tachkent); a *transcaucasiana* — Batum, Tiflis, Baku — que faz ligação entre o mar Negro e o Cáspio; a da *Alta-India* — Calcutá, Patna, Benarés, Alahabad, Agra, Delhi, Lahore, Peshavar — que, indo pelo vale do rio Ganges, liga a Índia Inglesa ao Afeganistão; e a *Central-Chinesa* — Pekim, Han-Keu, Cantão.

Na *Africa*: a linha ao longo do Mediterrâneo

-
- 1.º — A linha *Ostende-Berlim-Petrogrado* (2:575 quilómetros);
 - 2.º — A linha *Ostende-Berlim-Varsóvia Moscou-Tcheliabinsk* (5:065 quilómetros) prolongada ao Pacífico;
 - 3.º — A linha *Lisboa-Paris-Petrogrado* (4:612 quilómetros);
 - 4.º — A linha *Lisboa-Berlim-Moscou-Tcheliabinsk* (7:012 quilómetros).»

MARIOTTE, *Curso de Geografia* para a I e II classes dos liceus, pag. 417 e 418.

(1) A linha férrea *transsiberiana* liga-se a *transmandchuriana*: — Kharbine, Mukden, Porto-Artur.

NOTA — A extensão das linhas férreas actuais, pode calcular-se em cerca de 1.100:000 quilómetros.

que passa por — Oran, Argel e Tunis; a da Argélia ao Saará; a do Estado do Congo que contorna as cataractas do rio Zaire; as linhas portuguesas de Angola (de Loanda a Malange e a Lunda por Ambaca, a de Mossamedes e a do Lobito) e as de Moçambique (de Lourenço Marques ao Transval, e a da Beira à fronteira da Rodésia); a linha inglesa de Mombaça, no Indico, ao lago Vitória e, finalmente, a *transafricana* que liga o Cabo ao Cairo e Alexandria.

Na América, temos as seguintes linhas: a *transcanadiana* — Halifax, Quebec, Montreal, Otava, Winnipeg, New-Westminster; as *transcontinentais norte-americanas*, que ligam Nova-York a S. Francisco, fazendo comunicar as regiões continentais e occidentais dos Estados-Unidos; a *do istmo do Panamá* — Colon, Panamá e que dá fácil passagem do Oceano Atlântico para o Pacífico; e a *transandina* — Valparaíso, Buenos-Aires — que faz a ligação do Chile com o Rio da Prata.

Na Oceânia — onde encontramos *linhas litorais* que fazem comunicar entre si os portos de Sidnei, Melburne e Adelaide e, de *penetração*, como as de Adelaide ao lago Eire e de Sidnei ao rio Darling — só o S. E. da Austrália e a Nova Zelândia apresentam um certo desenvolvimento na construção de *caminhos de ferro*.

Sobre as mais importantes *vias de comunicação marítimas*, fixemos o seguinte:

« A Europa Ocidental, o primeiro dos grandes

centros comerciais económicos do mundo moderno, está ligada aos três outros por quatro grandes vias marítimas;

1.º— A via *Mediterrâneo-Oceano Indico*, entre a Europa Ocidental e o Extremo Oriente, é a mais freqüentada, graças ao *canal de Suez*.

2.º— A via *Atlântico-Norte*, entre a Europa Ocidental e América do Norte, é sulcada pelos *barcos mais rápidos* do mundo e põe a Europa a 6 dias dos Estados-Unidos.

3.º— A via *Atlântico-Sul*, entre a Europa Ocidental e a América do Sul.

4.º— A via do *canal do Panamá*, entre a Europa Ocidental e os portos do Pacífico das duas Américas e entre a Europa Ocidental e a Austrália.

Além destas grandes vias as *vias secundárias* mais importantes são: as *vias americanas*, entre o Canadá, Estados-Unidos e Estados da América do Sul; e as *linhas propriamente mediterrânicas*, entre os países banhados pelo Mediterrâneo (1) »

Pelo que se refere às *vias fluviais* de comunicação, citaremos as que se nos afiguram de maior utilidade.

Na *Europa* temos a *rêde fluvial russa ou setentrional* que, compreendendo os rios Volga, Don, Dniéper, Neva, Duna e seus canais, estabelece comunicação entre o mar Baltico e os mares Negro e

(1) MARIOTTE, *obr. cit.*, pag. 419.

Caspio; a *rêde central*, formada pelos rios Danúbio, Reno, Elba, Eder e Vístula com seus canais, e que liga o Mar Báltico ao Mar do Norte e êste ao Mar Negro; e a *rêde ocidental*, constituída pelos rios Escalda, Saona e Sena, com grande número de canais, e que fazem comunicar, entre si, o Oceano Atlântico, o Mediterrâneo, e os mares da Mancha e do Norte.

Na *Ásia* as vias fluviais mais importantes são o Obi, o Jenissei, o Lena (Preguiçoso), o Amur ou Sakalião ou rio Negro e o lago Baical, mas apenas no estio; e ainda o rio da China Yang-tse-Kiang ou rio Azul, que os barcos sobem até Han-Keu.

São ainda dignos de menção os rios Sind ou Indo e Ganges, o Pei-Ho ou rio Branco, ou Hoang-Ho ou rio Amarelo, o Jordão, o Sang-Koi ou rio Vermelho, etc.

A *África* tem rios pouco navegáveis, devido aos rápidos, cataractas e cascatas.

Todavia verificamos que são utilizados para a navegação os rios Zaire ou Congo, o Nilo, o Zambeze, o Chire e os lagos de Niassa e Vitória.

Na *América do Norte* destacam-se: o Mississipi, com os seus canais e afluentes, Oío ou Ohio e Missouri, bem como os grandes *lagos canadenses* ou *canadianos* que, por intermédio do S. Lourenço, estabelecem comunicação com o Atlântico.

Na *América do Sul* formam-se duas rêdes fluviais de activa navegação. São a do *Amazonas* e seus afluentes, e a rêde dos chamados *rios das pampas*, formada pelo Paraná, Paraguai e Uruguai.

Na *Oceânia* — pelo que diz respeito às vias de

comunicação, não merece especial referência a sua *navegação fluvial*.

A *aviação* é, hoje, um dos mais esperançosos meios de transporte, pelo seu extraordinário poder de encurtar distâncias

A Europa e a América possuem actualmente *rêdes de linhas aéreas*, para serviços de correio, passageiros e até mercadorias.

As *linhas de navegação aérea, da Europa*, são as seguintes:

« Paris-Londres; Paris-Bruxelas-Rotterdam; Amsterdam-Paris; Paris-Strasbourg-Praga-Varsóvia; Tolosa-Rabat-Casablanca; Bordéus-Montpellier; Nice-Montpellier; Baiona-Bilbau-Santander; Paris-Havre; Bruxelas-Londres; Amsterdam-Rotterdam-Londres; Rotterdam-Amsterdam-Copenhague; Berlim-Copenhague; Copenhague-Malmö; Berlim-Munich-Augsburgo; Berlim-Magdeburgo; Berlim-Koenigsberg; Berlim-Dresde; Hamburgo-Magdeburgo-Dresde; Hamburgo-Bremen; Dantzig-Memel; Bremen-Munster; Travemünde-Swinemünde; Magdeburgo-Breslau.»

E, na *América*, encontramos as *linhas aéreas* abaixo referidas:

« Nova-York-Washington; S. Luis-Twin Cities; Nova-York-Cleveland; Cleveland-Chicago; Chicago-Omaha; Omaha-Salt-Lake; Salt-Lake-S. Francisco. (1) »

(1) MARIOTTE, obr. cit. pag. 421.

2 — Os grandes portos de comércio

Os portos, que com razão se denominam — *as estações dos caminhos marítimos* — e cuja importância, especialmente comercial, é notável, encontramos-os ou no *terminus* duma grande linha de navegação (*Nova-York, Marselha*), ou nas proximidades das regiões industriais (*Hamburgo, Londres*) ou na escala duma das grandes linhas de comunicação marítima como, por exemplo, *Lisboa*.

Os portos do mundo que, pelo seu valor comercial, mais se destacam são :

Lisboa, Londres, Liverpool, Newcastle, Southampton, Cardiff, Hong-Kong, Nova-York, Hamburgo, Anvers, Rio de Janeiro, Buenos-Aires, Marselha, Bombaim, Constantinopla, Port-Said, Rotterdam, Génova, Singapura, Glasgow, Amsterdam, S. Francisco, Chang-Hai, Iokoama, Suez, S. Vicente, Malta, Colombo, Lourenço Marques, Alexandria, Copenhague, Sidney, Melbourne, Havre, Barcelona, etc.

3 — A transmissão das ideias

O homem tendo absoluta necessidade de pôr em comunicação as suas ideias, serve-se dos meios que julga mais apropriados para tal fim.

Assim, recorre aos *correios e télégrafos*, organizando as *linhas postais, telegráficas e telefônicas*, com ou sem fios, o que não só influi nos progressos da *Geografia*, como também na ampliação e segurança das operações comerciais.

O desenvolvimento dos caminhos de ferro e da navegação marítima, fluvial e aérea veio por sua

vez dar um forte impulso, aperfeiçoando-os, aos meios de *comunicação ou de transmissão das ideias*.

Não contando as *linhas privativas dos caminhos de ferro*, pode calcular-se em 1.600:000 quilómetros a extensão das linhas telegráficas da Terra — ou seja o necessário para dar 40 voltas ao globo.

A' *Europa*, pertencem 700:000 — à *Asia*, 190:000 — à *Africa*, 50:000 — à *América*, 580:000 — e à *Oceania*, 95:000.

Os *cabos submarinos* cuja extensão pode avaliar-se em 380:000 quilómetros — o suficiente para dar 8 voltas ao globo — ou são *costeiros* ou *trans-oceânicos*, figurando entre estes últimos os *transatlânticos*.

Há na Terra cêrca de 1:500 *cabos submarinos* amarrando, quasi todos, nos grandes portos das mais importantes *linhas de comércio*.

Segundo o Prof. RAPOSO BOTELHO, os *cabos submarinos*, podem classificar-se nos 6 grupos seguintes:

«a) **Mares da Europa.** — Este grupo comprehende um considerável número de cabos, muitos dêles de grandeza mínima, destinados a pôr em comunicação telegráfica logares entre os quais não há continuidade territorial, ou que, mesmo tendo-a comunicam mais facilmente através do mar (só a Inglaterra, que, pela sua natureza insular, é a que mais carece dêste meio de comunicação, tem 135 cabos na rêde do país, 8 anglo-franceses, 2 anglo-belgas, 2 anglo-neerlandeses, 5 anglo-alemães, 1 anglo-dinamarquês e 5 anglo-escandinavos). Apondaremos, por isso, apenas os trajectos dos que mais nos importa conhecer.

I — Nas costas ocidentais:

1. New - Castle - Copenhagen - Malmo - Libau, atravessando a Dinamarca em linha aérea.
2. Emden (na foz do Ems, amarração dos cabos alemães) Valentia (a S. E. da Irlanda, principal amarração dos cabos para a América do Norte).
3. Havre-Valentia.
4. Carcavelos⁽¹⁾ (junto à barra do Tejo) Vigo-Emden.
5. Carcavelos-Vigo-Falmouth (amarração dos cabos para a América do Norte).
6. Carcavelos-Falmouth (2 cabos directos).
7. Carcavelos-Gibraltar (2 cabos).
8. Vila Real de Santo Antonio-Cadiz-Gibraltar.
9. Carcavelos-Ponta Delgada-Hortã-Pico-Velas ou Angra; o arquipélago dos Açores está sendo também ligado directamente aos Estados-Unidos, Inglaterra e Alemanha, tornando-se assim um ponto estratégico importantissimo para as comunicações submarinas.

II — No Mediterrâneo:

1. Gibraltar-Malta-Alexandria-Port-Said; é a principal *linha do Mediterrâneo*, a qual atravessa longitudinalmente este mar, dando comunicação para a Índia e para a Africa Oriental.

(1) Os cabos que amarram em Carcavelos (excepto os dos Açores e Madeira, que pertencem a outras companhias), e bem assim quasi toda a rede do Mediterrâneo e os que depois seguem para a Índia, pertencem à poderosa companhia inglesa *Eastern Telegraph*, que é, de todas, a que explora uma rede mais extensa (48:000 quilómetros, ou muito mais do que o preciso para dar uma volta á Terra).

2. Malta-Zante-Corinto-Pireu-Sira-Constantinopla-Odessa; é a bifurcação da precedente para o mar do Arquipélago e o mar Negro.

3. Trieste-Otranto-Corfu - Zante-Cândia-Alexandria; é a linha do Adriático e do Levante, ligando-se, por Zante, com os outros cabos.

4. Malta, que, pela sua posição central, é o principal ponto de irradiação telegráfica do Mediterrâneo, está também ligada a Bone, a Tripoli, a Modica (Sicília) e a Nápoles.

5. Marselha está ligada a Oran, a Alger, a Bone a Bizerta (linhas transversais do Mediterrâneo).

6. Algeciras-Ceuta e bem assim Gibraltar-Tanger, são pequenos cabos do estreito de Gibraltar.

III — No mar Cáspio há um pequeno cabo, que quasi ainda poderemos incluir na rede submarina da Europa; é o que liga Baku a Krasnowodsk, e que depois, pelas linhas aéreas do Turquestam russo e da Sibéria (Merv-Tachkent-Tomsk-Vladivostok) permite comunicar de S. E. da Europa com o Extremo Oriente.

b) América do Norte. — Este grupo é importantíssimo pelo grande número de *cabos transatlânticos*, que compreende, e que estão, pela maior parte, lançados entre a Irlanda e a Terra Nova, para aproveitar uma vasta elevação planáltica (o denominado *planalto telegráfico*), que nessa direcção apresenta o fundo do Atlântico.

Compreende este grupo os seguintes cabos:

1. **Valentia-Terra Nova** (4 cabos).

2. Valentia-Canso, amarração na península canadiana da Nova Escócia (4 cabos).

3. Falmouth-Canso (2 cabos).

4. Brest-S. Pedro, pequena ilha ao S. da Terra Nova (2 cabos).

5. As *ligações* dos extremos ocidentais dêsses cabos com os Estados-Unidos (Boston e Nova York)

6. A rêde do *gôlfo do México*: Flórida-Havana; Santiago de Cuba-Kingston-Colon; Haiti-Caracas; Kingston-Porto-Rico-S. Tomás-Martínica-Paramaribo.

c) América do Sul. — Compreende êste grupo apenas 3 cabos transatlânticos, na direcção NE-SO, e duas séries de cabos litorais, respectivamente a E. e a O. do continente:

1. *Transatlânticos*: Carcavelos-Funchal-S. Vicente-Pernambuco (2 cabos), e bem assim S. Luís (Senegal)-Pernambuco, podendo de S. Luís, pelas Canárias, ligar-se com Cadiz (**d**, 1).

2. *Cabo da costa oriental*. Paramaribo-Caiena-Pará-Pernambuco-Baía-Rio de Janeiro-Montevideu-Buenos Aires, podendo comunicar com os Estados-Unidos por intermédio dos cabos do gôlfo do México (**b**, 6), e ligando-se aos cabos da costa ocidental pela linha aérea de Buenos Aires a Valparaíso.

3. *Cabo da costa ocidental*: Valparaíso-Iquique-Calau-Guayaquil-Panamá-Tehuantepec.

d) África Ocidental. — Compreende êste grupo uma série de cabos costeiros em tórno do gôlfo da Guiné, comunicando com Cadiz pelas Canárias, e podendo também comunicar com Lisboa pela liga-

ção (de Bathurst para o arquipélago de Cabo Verde) ao cabo Carcavelos-Pernambuco (**c**, 1).

1. Cadiz-Tenerife-S. Luís-Dakar-Bathurst-Bolama-Konakry-Freetown-Acra-Porto Novo (com prolongamento para Lagos e Camarões)-S. Tomé (com um ramal para Libreville)-Loanda-Benguela-Mossâmedes-Cape-Town.

2. Carcavelos-Funchal-S. Vicente-S. Tiago-Bathurst, seguindo depois o trajecto precedente.

e) África Oriental. — Nêste grupo, que aproveita a linha longitudinal do Mediterrâneo (**a**, II, 1), há a considerar os seguintes cabos:

1. *Trajecto total*: Carcavelos-Gibraltar-Malta-Alexandria-Port-Said (linha aérea)-Suez-Suaquem-Aden (aonde começa propriamente o cabo africano)-Zanzibar (com prolongamento para Mombaça)-Lourenço Marques-Durban, podendo ligar-se, pelas linhas aéreas da Africa austral, aos cabos da costa ocidental (**d**), em Cap-Town.

2. *Ramais*: Moçambique-Madagascar, e bem assim Zanzibar-Seycheles-Maurícia.

f) Extremo Oriente. — Este grupo, que liga a Europa à India, Asia Oriental e Austrália é da maior importância, embora não disponha ainda dum tão avultado número de cabos, como o grupo transatlântico setentrional (**b**), e tenha até muitas deficiências pelo que respeita às comunicações com a Oceânia.

As linhas a considerar são:

I—Para a India:

1. *Trajecto principal*: (**e**, 1). . . .-Suez-Aden-Bombaím (2 cabos), ligando-se com Madrasta e com toda a península Indiana pelas numerosas linhas aéreas desta região.

2. *Ramal do golfo Pérsico*: Karachi-Buchir-Fau (na foz do Chat-el-Arab), podendo-se assim, pelas linhas aéreas da Turquia asiática, pôr Constantinopla em comunicação com a Índia.

II — Para a Ásia Oriental:

1. *Trajecto principal*: (f, I, 1)... - Madrasta-Singapura-Saigon - Hué - Hailong - Hong-Kong-Fu-Tcheu-Chang-Hai-Nagasaki-Vladivostok, onde se liga com a grande linha aérea transsiberiana, podendo também, por Cantão e Chang-Hai, ligar-se com as linhas telegráficas de penetração da China.

2. *Ramais*: Hong Kong-Macau; Hong-Kong-Manilha; Singapura-Batávia-Macassar.

III — Para a Austrália:

1. *Trajecto principal*: (f, II, 1)... -Singapura-Banjoevangi (no extremo oriental de Java)-Palmerston, onde, pela linha aérea que atravessa de N. para S. o interior do continente australiano, se põe em comunicação com a rede terrestre de SE. e E da Austrália (Adelaide-Melburne-Sidney-Brisbane); um outro cabo, vindo também por Java, aproveita as linhas aéreas da costa ocidental e meridional da Austrália.

2. *Ligações insulares*: Sidney-Nova-Zelândia; Melburne-Tasmânia. (1) »

Concluimos assim o estudo da *Geografia Económica*.

(1) RAPOSO BOTELHO, *Curso de Geografia, classe V*, pag. 33 e seguintes.

« Da infelicidade da composição, erros da escritura e outras imperfeições da estampa, não ha que dizer-vos: — vós os védes, vós os castigae. »

D. FRANCISCO MANUEL

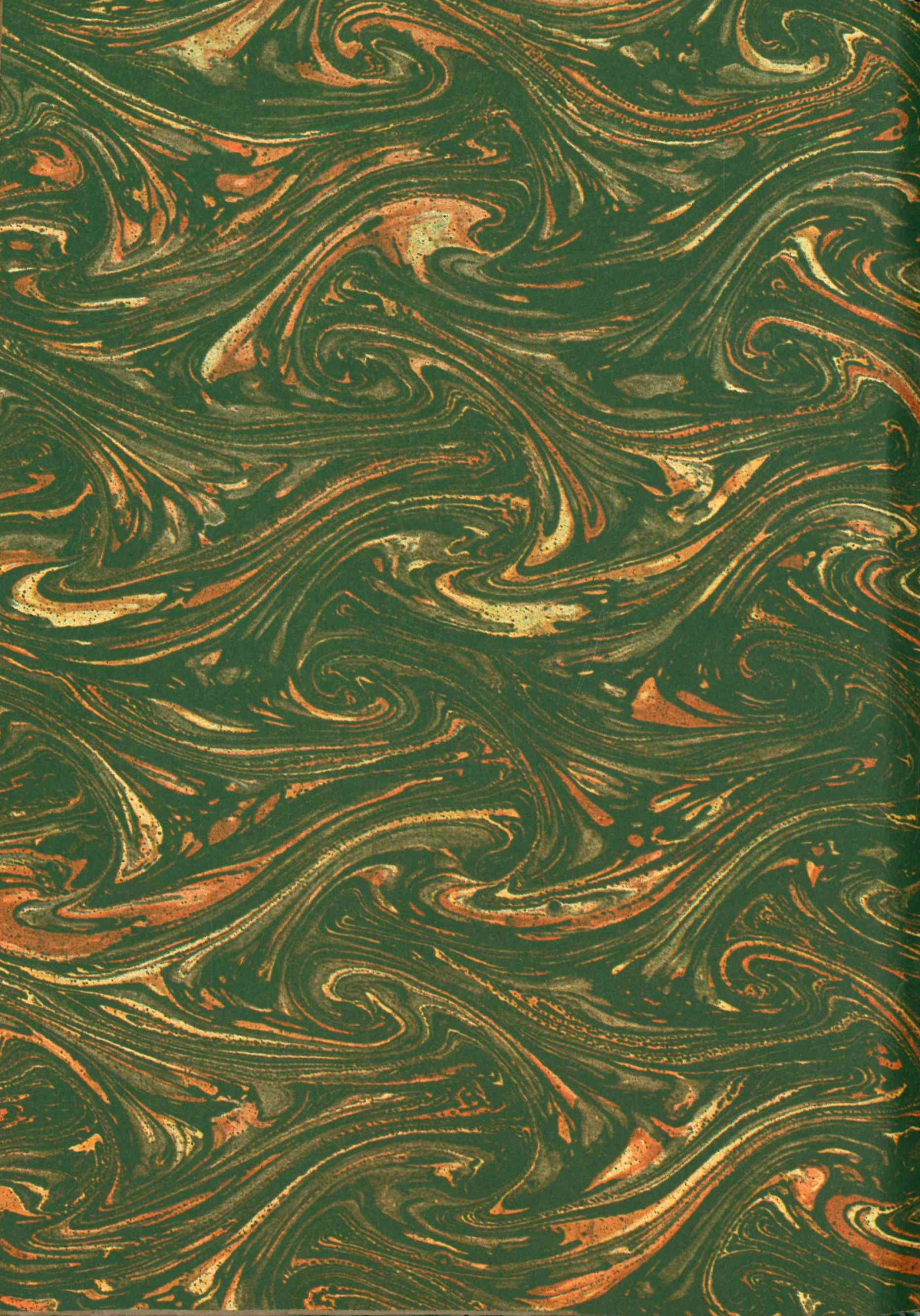
INDICE

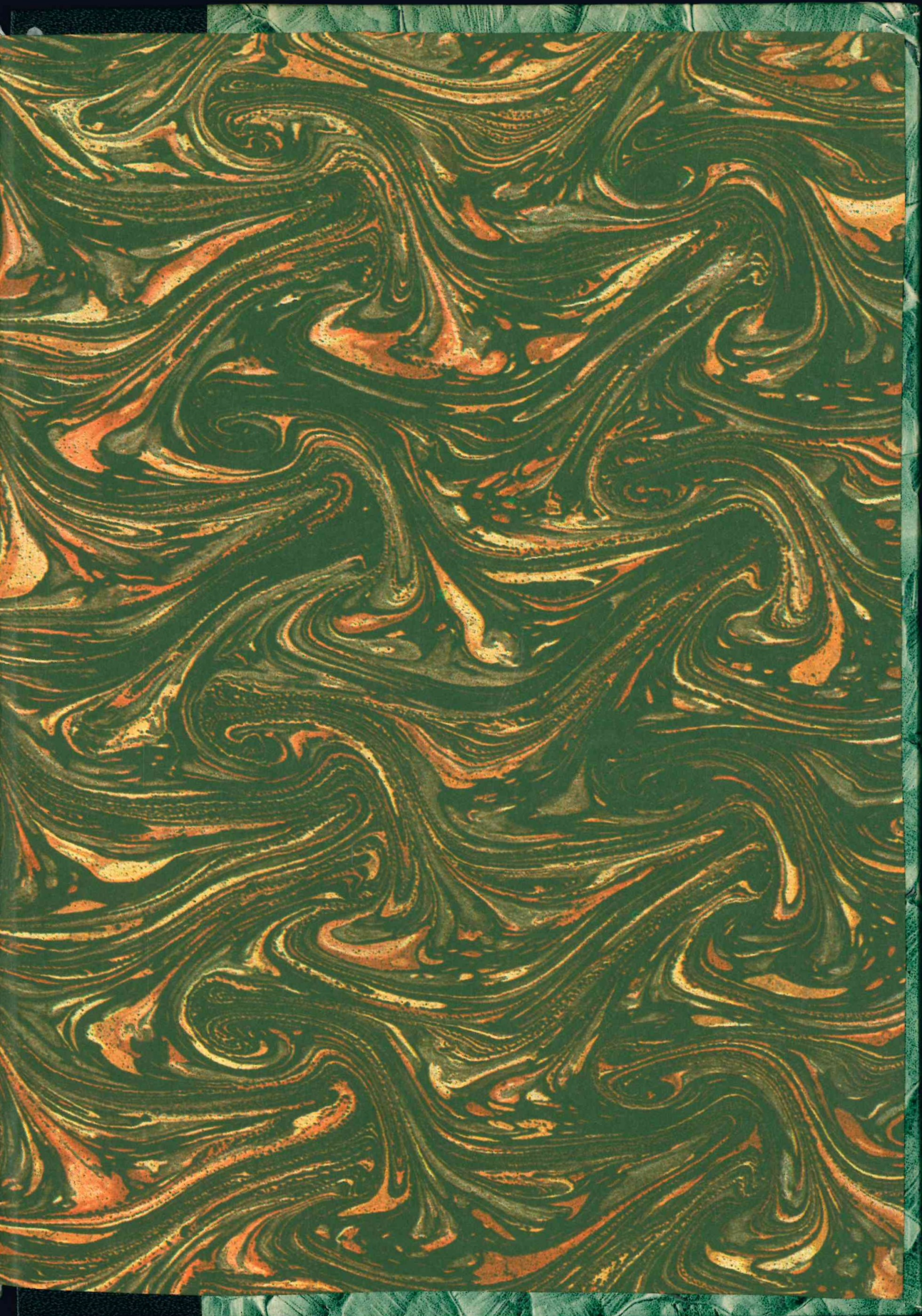
	<i>Páginas</i>
<i>Introdução</i>	9
<i>As sociedades humanas</i>	9
<i>Geografia Política</i>	13
<i>A demografia</i>	13
<i>A etnografia</i>	15
<i>As línguas</i>	24
<i>As religiões</i>	32
<i>As formas de Estado</i>	37
<i>As formas de Govêrno</i>	42
<i>Geografia Económica</i>	47
<i>As causas de prosperidade económica</i>	47
<i>A Terra, as suas produções e riquezas</i>	53
<i>A geografia de circulação</i>	62

1923

GEOPOLITICA SOCIAL

DOMINGOS DE FIGUEIREDO







biblioteca
municipal
barcelon



3494

Geografia social